CORREIO DO IBECC

90

ABRIL
A
AGOSTO

NÚMERO ESPECIAL DO BOLETIM
DO INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO
CIÊNCIA E CULTURA, COM A COLABORAÇÃO DO
INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE – FUNARTE/MEC

Renato Almeida — 6 de dezembro de 1895/25 de janeiro de 1981

RENATO ALMEIDA

Desde sua instituição, em 1946, por iniciativa do Embaixador João Neves da Fontoura, dentro das linhas estabelecidas pela Convenção de Londres, que criou a UNESCO, sempre contou o IBECC com a esclarecida e dedicada atuação de Renato Almeida.

Nas funções de Chefe do Serviço de Informações, do Ministério das Relações Exteriores, foi Renato Almeida chamado a integrar, como Secretário Geral do Instituto, a primeira Diretoria do IBECC, sob a presidência do Professor Levi Carneiro. Logo em 1947, em visita à sede da UNESCO, estabeleceu contatos com o Secretariado da Organização dos quais decorreu perfeita integração nossa com os altos objetivos daquele organismo internacional.

Tendo a Diretoria do Instituto assentado a organização de várias comissões permanentes para estudo dos diferentes assuntos de interesse da UNESCO, foi, por iniciativa de Renato Almeida, criada, juntamente com as Comissões de Ciências, de Educação Popular, de Alimentação e outras mais, a Comissão Nacional do Folclore (07/11/47) que, por ele presidida, desenvolveu a mais intensa e profícua atividade. Essa atividade — o que é digno de registro — encontrou, em todo o Brasil, um ambiente de aberta simpatia que permitiu, no estreito período de seis meses, fossem criadas nada menos de 17 comissões estaduais: Amazonas, Pará, Bahia, Maranhão, Rio Grande do Norte, Goiás, Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraiba, Pernambuco, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Destaque especial merece a publicação, também de sua iniciativa, do Boletim Bibliográfico, mensário ao qual incorporou um noticiário de atividades folclóricas, de interesse geral, não só relativas ao Brasil como também ao resto do mundo.

A extraordinária repercurssão dos trabalhos da referida comissão fez com que seu Presidente além de convidado para representá-la no Congresso Internacional do Folclore, em Basileia, fosse também encarregado de organizar a participação brasileira no Primeiro Colóquio Luso-Brasileiro de Folclore. A Comissão, realizando festivais e conferências e, sobretudo "As semanas folclóricas", com exposições de arte popular, debates e palestras, deu real ressonância ao folclore brasileiro atribuindo-lhe os mais largos destinos ao restabelecer o estudo das tradições populares como elemento básico dos usos e costumes da gente do povo.

Levando avante sua iniciativa, bateu-se Renato Almeida, em seguida, pela criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, junto ao Ministério da Educação e Cultura. Ao criar essa Campanha o então Ministro da Educação, Professor Clovis Salgado considerou-o, muito justamente, como Membro nato do Conselho Técnico de Folclore daquela entidade.

Aqui, no IBECC, exerceu sucessivamente as funções de sub-Secretário Geral, Tesoureiro, Vice-Presidente e Presidente tendo sido reconduzido a este último cargo várias vezes. Durante muito tempo Renato Almeida e IBECC eram, por assim dizer, sinônimos.

Nem por isso, entretanto, restringiu Renato Almeida suas outras múltiplas atividades intelectuais.

Discípulo de Graça Aranha e de Jackson de Figueiredo, conviveu com expoentes das letras e das artes brasileiras de todo seu tempo: Villa-Lobos, Mario de Andrade, Cecília Meirelles, Ronald de Carvalho e tantos outros.

Participou ativamente, no início da década dos vinte, do Movimento Modernista (Semana da Arte Moderna) liderado por Graça Aranha e Mario de Andrade, assim como editou a revista "Movimento", registro da vida literária daquele tempo. Como escritor deixou obra de vulto: onde se detacam Fausto, Problemas do Ser e, sobretudo, a História da Música Brasileira, considerada hoje um clássico para os estudiosos do assunto, devido à amplitude com que foi registrada a evolução dessa arte no Brasil, quer no campo erudito, quer no popular, quer no anônimo.

Como pedagogo, dirigiu Renato Almeida, por vários anos o Lycée Français e lecionou no Conservatório Brasileiro de Música e na Academia Lorenzo Fernandez onde deixou a marca de sua inteligência e de sua dedicação.

Se no campo do folclore, como erudito e infatigável cultor de nossas tradições populares, foi Renato Almeida inexcedível e se, nos demais campos de sua atividade intelectual, ocupou lugar de primeira linha, cremos poder encerrar este simples testemunho do IBECC afirmando que Renato Almeida, um verdadeiro "gentleman", "causeur" envolvente, autêntico "gourmet", amigo de todos os momentos, pleno de alegria de viver, foi, na real extensão dos termos, um mestre em tudo.

A Diretoria do IBECC

DADOS BIOGRÁFICOS DE RENATO ALMEIDA

RENATO ALMEIDA, nasceu em Santo Antônio de Jesus, Bahia, a 6 de dezembro de 1895. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, escritor, jornalista, professor, folclorista, musicólogo.

Era membro da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, Sócio honorário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco, do International Council of Folk Music, da Comissão Internacional de Artes e Tradições Populares, da Comissão de Estudo de Textos Históricos, da Academia Brasileira de Música, da Academia Brasileira de Filologia, do Instituto Panamericano de Geografia e História e Representante do Brasil no Comitê Interamericano de Folklore (Lima). Membro honorário do The Folk Lore Society (Londres), do Folk Lore Americas (Miami, EEUU), da Commission Internationale des Arts et Traditions Populaires (Paris), do Conselho Diretor do International Folk Music Council (Londres), da Sociedad Peruana de Folklore (Lima), de Amigos del Arte Popular (Buenos Aires), da Société Française de Musicologie (França), da Sociedade Tucumana de Folklore (Tucuman, Argentina), da Sociedade de Etnografia e Antropologia (Lisboa).

Foi professor de Folclore do Conservatório Brasileiro de Música e da Academia de Música Lorenzo Fernandes.

Ingressou no Ministério das Relações Exteriores em 1927 exercendo as funções de Chefe dos Serviços de Imprensa e Documentação e Arquivo. Teve várias comissões no Itamaraty e no exterior, dentre estas se destacando as seguintes: Chefia do Serviço de Imprensa da comitiva do Presidente Getúlio Vargas na visita ao Prata; Delegado do XIV Congresso de História da Arte, na Suiça; Delegado do Ministério das Relações Exteriores na Comissão encarregada de redigir o anteprojeto da Convenção Universal de Direitos literários e artísticos em 1935; Representante do Brasil no XIV Congresso Internacional de História da Arte, realizado em Berna, em 1936; Colaborador temporário aos trabalhos da XVII sessão da Assembléia e da XXII sessão do Conselho da Liga das Nações, em Genebra, 1936; Chefe da Missão Cultural ao Uruguai quando realizou um curso sobre Música Brasileira na Universidade de Montevidéu, em 1939, e ao Chile em 1945; Representante do Ministério das Relações Exteriores junto ao Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil em 1940 e junto ao VIII Congresso Brasileiro de Educação, realizado em Goiânia em 1942; Ministro Conselheiro à posse do Presidente do México, Sr. Miguel Aleman em 1946; Representante do Brasil no I Congresso Regional das Comissões Nacionais da UNESCO no Hemisfério Ocidental, Havana 1950; Membro da Comissão Organizadora do I Congresso da União Latina no Rio de Janeiro, 1951; Membro da Comissão Nacional para a União Latina, 1951; Representante do Brasil na Conferência Internacional sobre Música Folclórica, Londres 1952; Membro da Comissão de Estudos dos Textos da História do Brasil em 1954; Secretário-Geral da Comissão de Estudos dos Textos da História do Brasil em 1956; Chefe da Representação do Brasil à XXVI Conferência Geral Internacional de Documentação, no Rio de Janeiro em 1960. Visitou vários países em missão cultural tendo estado na França, nos Estados Unidos, no Chile e na Alemanha a convite dos governos dos respectivos países. Aposentou-se no Ministério das Relações Exteriores em 1961.

Dirigiu, por mais de 40 anos, o Colégio Franco-Brasileiro (antigo Lycée Français) do Rio de Janeiro.

No setor de Folclore fêz um trabalho pioneiro no Brasil, na pesquisa e preservação do nosso patrimônio folclórico, hoje alargado em vários setores. Fundou inicialmente a Comissão Nacional de Folclore, no Instituto de Educação, Ciência e Cultura em 1948, organizando depois as Comissões Estaduais de Folclore. Presidiu o I Congresso Brasileiro de Folclore (Rio de Janeiro, 1951), o Congresso Internacional de

Folklore (São Paulo, 1954) e Presidente honorário do II (Curitiba, 1953), III (Salvador, 1957), IV (Porto Alegre, 1959) e V (Fortaleza, 1963) Congressos Brasileiros de Folclore; I Vice-Presidente do Congresso Internacional de Folclore, de Buenos Aires (1961) e Presidente do Juri de Certame Interamericano de Danças Folclóricas (Buenos Aires, 1960). Realizou um curso de Folclore na Escola de Verão da Universidade de Concepcion, Chile 1959. No Conselho Nacional de Folclore foi Vice-Presidente de 1961 a 1962. Representou o Brasil no Simpósio sobre Tradições Folclóricas Africanas, realizado em Yoandé, República dos Camarões. Foi Presidente da Campanha Nacional de Defesa do Folclore Brasileiro.

Por deliberação do Congresso Internacional de São Paulo, de 1954, foi editado um livro para comemorar os seus 60 anos — *Ensaios e Estudos Folclóricos em Homenagem a Renato Almeida*, com a colaboração de folcloristas estrangeiros e nacionais.

Tomou parte no Simpósio de Folcloristas Americanos realizado em Los Angeles, EEUU, em junho de 1967.

Foi Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, órgão da UNESCO, no período de 1965 a 1973.

Delegado e Presidente da Delegação do IBECC (Instituto de Educação, Ciência e Cultura) às I, II, III e IV Conferências Regionais das Comissões da UNESCO no Hemisfério Ocidental, (Havana, 1950), Costa Rica (1958), Buenos Aires (1961) e México (1967) e Assessor à XIV Assembléia Geral da UNESCO, em Paris (1966) e delegado a diversos Congressos nacionais e internacionais. Secretário Geral do Colóquio entre a América Latina e os Estados Africanos, promovido pela UNESCO, no Rio de Janeiro, em 1965. Presidiu o I Colóquio Brasil-Japão, realizado em São Paulo, em 1966 e, em 1967 integrou a Comissão Organizadora do Simpósio de Ciências e Humanismo, promovido pela Bienal de Ciências de São Paulo, nessa cidade.

Estreiou na literatura em 1917, com o livro *Em Relevo*, ensaios de crítica literária. Em 1922, tomou parte na Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, e que foi o início do movimento renovador da espiritualidade brasileira. Nesse ano publicou *Fausto* (Ensaio sobre o Problema do Ser). Além de dirigir revistas e jornais de grande atuação na campanha modernista, no Brasil, se dedicou à música, escrevendo um livro que se tornou básico e indispensável ao estudioso da nossa formação: *História da Música Brasileira*, caminho pelo qual aportou à música do povo e marcou sua entrada no Folclore. Formam ainda sua bibliografia:

A Formação Moderna do Brasil (1923); *Velocidade* (1932); *Carlos Gomes* (1936); *Figuras e Planos* (1936); *A Liga das Nações* (1938); *Compêndio da História da Música Brasileira* (1948-1958); *A América e o Nacionalismo Musical* (1948); *Euclydes da Cunha e o Itamaraty* (1955); *Sobrevivências Totêmicas nas Danças Dramáticas Brasileiras*, Lima (1956); *Inteligência do Folclore* (1957); *Graça Aranha*, na Coleção de "Nossos Clássicos" (1958); *O Folclore na Poesia e na Simbólica do Direito*, Miami (1960); *Tablado Folclórico* (1961); *Manual de Coleta Folclórica* (1965).

Possuia condecorações dos seguintes países: Chile, México, Peru, Suécia, Países Baixos, Equador, República Dominicana, Nicarágua, Bolívia, França, Portugal, Itália, Bélgica, Áustria, Polônia, Alemanha. E as seguintes medalhas: Rio Branco; Comemorativa do Cinqüentenário da República; Silvio Romero, Princesa Leopoldina, Santos Dumont, medalha de guerra da Aeronáutica, Martim de Afonso de Souza, Anchieta, Lauro Muller, Mérito Nacional Educatico e da Sociedade de Etnografia e Antropologia, de Lisboa.

Recebeu o Prêmio Paula Brito, da Municipalidade do Rio de Janeiro, em 1957. Cidadão honorário da cidade do Rio de Janeiro.

O correio do IBECC e o Instituto Nacional do Folclore - Funarte/MEC têm a honra de transcrever a seguir os depoimentos de colegas, folcloristas, educadores, amigos e algumas notícias da imprensa sobre a personalidade de RENATO ALMEIDA.

RENATO ALMEIDA

Renato Almeida era uma nobre figura humana de intelectual inteiramente dedicado aos apelos da cultura.

Em toda sua longa vida amou as letras e procurou encontrar motivações de vários tipos, que lhe prendessem a labuta mental.

Isto explica facilmente o encanto pela renovação literária que empolgou, durante anos, a inteligência brasileira. Nela mostrou-se partícipe entusiasta.

Mas não foi apenas nas letras que se deixou dominar. O significado profundo da obra musical e seu desenvolvimento pelo tempo, apaixonou-o também e muito.

Seu livro sobre a criação do símbolo do Fausto revelou uma outra preocupação pelos confins do pensamento filosófico.

Digamos que quando iniciou e depois extensamente contribuiu para o estudo do folclore esta posição deu-lhe especial realce neste fascinante terreno. Aí mostrou-se investigador enternecido e analista perspicaz. Nunca será esquecido o Museu do Folclore que ele criou.

O trabalho ininterrupto deste amante de tão diversificadas fontes de inspiração jamais afastou Renato Almeida de tarefas executivas que tinham forte atração para seu vivo espírito.

Quero, apenas apontar duas delas que lhe deram destaque individual grandemente louvado.

Seus serviços ao ensino no Liceu Francês marcaram inegavelmente época e representaram uma contribuição sempre lembrada em nosso meio.

E o que constituiu admirável colaboração na expansão do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura tornou seu papel de magnífico relevo.

Aqueles que como eu acompanharam seus reiterados passos na Presidência e tiveram oportunidades de escolhe-lo e apreciar-lhe a energia criativa, sabem perfeitamente quanto lhe deve a Instituição. A Unesco reiteradamente aplaudia suas iniciativas e estas, deram ao Basil meritórios impulsos em esferas de ação da maior importância para o progresso de nossa formação nacional.

Não me vou alongar sobre temas que, graças a Renato Almeida, tornaram o IBECC um centro de saber científico e constante fomento artístico.

Outros falarão aqui, parceladamente, com maior autoridade que eu.

Desejo, apenas, reverenciar a memória do elevado batalhador e do amigo que sempre muito prezei.

Ugo Pinheiro Guimarães
Vice-Presidente DO IBECC

O FOLCLORISTA RENATO ALMEIDA

Guardo de Renato Almeida a mais viva lembrança não apenas da leitura de seu excelente ensaio sobre a música brasileira, feita ainda em dias de minha mocidade alagoana, então apaixonada pelos assuntos de música, mas igualmente, ou mais aprofundadamente, de seu telefonema, convidando-me para integrar a Comissão Nacional de Folclore. Neste momento, ou nesta época, escrevia eu coisas sobre Folclore em minha colaboração no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.

Na realidade, o pobre escrevinhador não supunha que suas modestas linhas interessassem aos verdadeiros especialistas, mas foi o que sucedeu, com o convite para integrar a Comissão Nacional de Folclore. Nasceu daí a amizade que nos aproximou cada vez mais e sempre. E aquele especialista em música se dedicou, apaixonadamente, ao folclore, através da atuação desenvolvida no cargo que exercia no Ministério das Relações Exteriores.

Foi uma atuação viva e constante, realizada não apenas através dos comunicados mimeografados que distribuia, mas alongada à realização de Congressos de Folclore — nacionais uns, estaduais outros. E mesmo Internacional, ao ensejo do Congresso Internacional de Folclore, cuja realização Renato promoveu e estimulou, com o que ainda mais contribuiu para o interesse entre nós pelos estudos e pesquisas de folclore.

Foi assim atuante em duplo sentido — realizando ele mesmo e estimulando outros a realizarem. À sombra da Comissão Nacional de Folclore nasceram as Comissões Estaduais, com o que a atividade folclórica nos Estados ainda mais se desenvolveu. Principalmente pelo aparecimento de folcloristas até então pouco ativos e pelo estímulo ao surgimento de novos estudiosos. Sobretudo, entre os jovens.

Para fixar bem sua atuação, como se fora uma mensagem de incentivo, publicou *Inteligência do Folclore*, que se tornou livro básico para conhecimento do assunto, através da clareza e cultura com que estudou as várias faces do folclore, nas diversas manifestações que o envolvem.

A Renato Almeida credenciam-se hoje as atividades que, no campo do folclore, se desenvolveram e se mantêm no Brasil. Traduziram-se principalmente na realização do Congresso Internacional e de congressos Nacionais, na criação de Comissões de Folclore em todos os Estados, na publicação de revistas, e não apenas de livros, especializados.

Movimentação toda essa que viria culminar principalmente na criação do Instituto de Folclore, já hoje em plena atuação desenvolvendo programação de pesquisas, de publicações, de reuniões, do mais alto alcance.

Foi sobretudo a atuação das Comissões Estaduais através das quais se realizaram festivais, editaram-se revistas, publicaram-se livros; enfim, foi possível realizar toda uma movimentação que despertou não apenas a atuação dos folcloristas, mas provocou igualmente o surgimento de uma nova ou novíssima geração de folcloristas. Do que decorreu, graças a Renato Almeida, permanecer ainda hoje vivo e sempre ativo o movimento folclórico no Brasil.

Manuel Diégues Júnior
Vice-Presidente do IBECC

LEMBRANDO RENATO ALMEIDA

Ao ter de escrever sobre o querido e saudoso amigo Renato Almeida, procuro estágios de sua vida menos lembrados, talvez, por outros que igualmente o farão.

Residente no Rio, então havia apenas um biênio, 1942 foi para mim um ano propiciador de muitas amizades novas e, muitas delas, definitivas, graças ao que meu eminente chefe Mario Augusto Teixeira de Freitas denominou "Batismo Cultural de Goiânia", por ocasião da inauguração da nova Capital de Goiás.

Entre as muitas representações para o intenso conjunto de eventos — adminis-

trativos, econômicos, técnicos, culturais – estava a do Itamaraty, com Renato Almeida e esse excelente amigo, ora Embaixador, Roberto Assunção.

Ao Oitavo Congresso Brasileiro de Educação, um daqueles eventos, apresentaram eles três moções, aprovadas pelo plenário, sobre: a produção, para divulgação nos países americanos, de filmes documentários do ensino rural; a produção, pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo, de filmes para divulgação de danças populares para o folclore, e, "através dessa ciência, para o seu ulterior aproveitamento artístico ou educacional"; tamanho reduzido para os filmes educativos "dadas as facilidades que oferecem para o transporte e exibição".

A mais importante contribuição de Renato foi a elaboração, para os *Anais* do Congresso, de uma exemplar comunicação sobre a mais importante exibição folclórica do "Batismo", a das "cavalhadas dramáticas" (as de Pirenópolis, ainda hoje famosas, constantes do calendário turístico do Planalto), congadas e dança dos tapuios. São 11 páginas de ciência e minucias, ilustradas com diversas fotografias. A certa altura, volutuosamente escreve: "Quanto a mim, posso assegurar que havia assistido a uma das mais interessantes demonstrações folclóricas e por certo a mais bonita e mais imponente. Bastaria esse espetáculo para justificar minha viagem a Goiânia, se, por tantos outros motivos, não tivesse sido ela uma das mais encantadoras que me foi dado assistir".

Datam daquele ano minhas relações de amizade como o escritor até quando ele deixou suas últimas funções, as de Presidente da Comissão Nacional da UNESCO e se recolheu para "esperar a morte"'

Outra apostila que ofereço ao currículo de Renato Almeida é a de sua condição de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Quando esse Instituto realizou, em 1938, o Terceiro Congresso de História Nacional, apresentou ele um estudo precioso – A Música no Brasil Colonial – dividido em três partes: A Música no Brasil Colonial, A Época de D. João VI e O Padre José Mauricio Nunes Garcia.

Baseada em minuciosa pesquisa, a tese foi aprovada e publicada em cerca de 60 páginas dos *Anais*.

Mais tarde, em 8 de novembro de 1944, era o seu nome recomendado, "pelos muitos títulos que apresenta" para sócio correspondente da Casa, em documento assinado, entre outros, pelo saudoso Chanceler José Carlos de Macedo Soares. E na sessão de 20 de maio de 1947, era aprovado o parecer da Comissão de Sócios, da autoria de Basilio de Magalhães, de 7 daquele mês, no qual se diz ser o proposto "um dos mais distintos funcionários do Ministério das Relações Exteriores, merecendo um lugar no quadro dos sócios correspondentes, a que pertencem os membros efetivos daquele órgão do governo, ninguém pois mais indicado para promover a aproximação entre o Instituto Histórico e diversos centros culturais do mundo". A Comissão de História, então constituida por Alfredo Nascimento, A. Tavares de Lyra e Claudio Ganns, esteve de acordo com esse parecer. Em carta de 16 de junho de 1947, o novo sócio agradeceu sua eleição.

Não teve oportunidades e, como supusera Basilio de Magalhães, de "promover a aproximação entre o Instituto Histórico e diversos centros culturais do mundo", pois, salvo algumas ausências para participar de reuniões motivadas pela especialização de sua cultura, foi no Brasil que viveu e laborou. Mas foi bom que seu nome figurasse nos quadros da veneranda instituição a que Dom Pedro II tanto amou.

Raul Lima

Membro do Conselho Executivo do IBECC

RENATO ALMEIDA — Um Mestre

Renato Almeida continuará presente pelo seu entusiasmo, pelo seu exemplo, pela sua obra. Pelo entusiasmo com que reuniu, estimulou e liderou estudiosos de todo o país, num movimento que resultou na criação da Comissão Nacional e Comissões Estaduais de Folclore, na realização de Semanas e Congressos de Folclore, e instituição da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, atual Instituto Nacional do Folclore, da FUNARTE. Pelo exemplo de respeito e interesse constante pela cultura popular. Pela obra importante que deixou sobre folclore, que orientou e continuará orientando as novas gerações.

Sua obra já tornada clássica — *História da Música Brasileira, Inteligência do Folclore, Manual de Coleta Folclórica, Tablado de Folclore, Vivência e Projeção do Folclore,* entre outros — representa uma reflexão ampla e profunda sobre o folclore, cuja interpretação ele assinalou como o caminho seguro para apreensão do complexo espiritual da nacionalidade.

Um dos criadores da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e seu Diretor-Executivo no período de 1964-1974, as indicações de Renato Almeida continuam válidas na formulação de projetos de pesquisa e estudo do nosso folclore.

Bráulio do Nascimento
Diretor do Instituto Nacional do Folclore
FUNARTE/MEC

DISCURSO PARA O AMIGO MORTO

Renato Almeida foi para nossa geração, e evidente que em particular para mim, uma das figuras maiores de liderança espiritual no arduo caminho pedregoso da angustiosa procura da verdade literária, elucubrações da mente e na luta do abstrato e concreto e na recomposição cotidiana das regiões de atrito do subjetivo e objetivo. Que se passa sem trégua no sofrimento criador.

Assumiu por direito de conquista, sem nenhuma imposição artificial mas no consenso espontâneo, o comando conturbado de nosso vasto e agitado grupo. Grupo de trabalho que procurava o quase impossível da valorização do folclore. Como encarnando a alma popular. Que a própria matéria trata e cuida. Mas revelando o admirável sortilégio do povo nas manobras de chegar ao resultado de um universo de imaginação, ciência e arte. Facies dignas mas recolhidas no interior do sentimento da gente simples e foi o desvendar o segredo deste amargo mistério. Dificultuoso para uma explicação correta.

Renato Almeida foi sábio. Como magnífico renovador do próprio trato e metodologia com o virtuoso folclore esmiuçado de todos ângulos numa devassa analítica imensa.

O folclore, seu assunto predileto e com o qual conviveu os últimos anos brilhantes de sua vida, valorizado pela reposição das causas e efeitos de intelectualização de inesperada pureza dos fabricantes. Fabricantes de folclore. Assim o estudo, a pesquisa, a avaliação e a divulgação puderam ser tranquilamente feitas. Não muito tranquilas. Armou-se uma novidade brasileira: trabalhar em conjunto, mutirão ou em grupo. Partindo de comissões, concursos, discos, investigação de campo, bibliografia, documentá-

rio ou congressos, seminários, semanas, simpósios etc. Mais exposições, edições, filmes etc. Sem esquecer noticário, entrevistas, viagens. Renato Almeida veio dar o desenvolvimento naquilo que parecia não ter ao menos vida. Sua personalidade de tal maneira poderosa que manteve vinte e cinco anos ou mais bem intactos os impulsos bravos na feitura de produção de programa em estilo de melhor categoria. O folclore como cultura. A inteligência do folclore. Esta me parece sua obra mais importante embora a seleta qualidade de realizações e efeitos promocionais e coletoriais da preservação da força que emana abastada da própria capacidade realizadora do povo. Arte do Povo e Ciência do Povo, Saber Popular. Conceitos gerais de todo o abrangente que governa o existir e o destino com muitos nomes.

Homem de jornal, sua posição ficou celebrada nos movimentos da imprensa literária ou informativa na arrancada de reformas do movimento moderno brasileiro. O modernismo arrojando-se em toda a direção para a volta ao próprio Brasil.

Professor, soube dar-se á renuncia e á pobreza como voto e opção. Mas engradecida a profissão pelo muito que investe e abastece-se de ligação no aproximar com a mocidade e no atravessar as margens da pedagogia disciplinadora e da didática proposta para o entendimento. Soube ser um mestre, na racional definição da palavra. Um educador nato.

Filósofo, veio do debate do problema do ser. Seara de Goethe de um exame atencioso, precursor e vislumbrador do combate contra tempo vencido. E nunca perdido. Uma afirmação de juventude que se antecipou o que seria sua mesma vida futura. Impressionante ante-visão. A sombra de Fausto e do Diabo na perseguição fantasmagórica e eterna do certo e errado, da mentira e da ilusão.

A mesa, o gourmet, o iniciado. A cozinha, os restaurantes, as recepções. Jantares, almoços e aperitivos. Ele os divinisava com boas maneiras de refinamento e completo entendimento dos indecifráveis instantes da caridade do pecado da gula.

Historiador meticuloso, devassou navegando seguro na rosa dos ventos os quatro longos séculos da música brasileira. De imediato, transformou-se, como no que se envolvia, fosse no que fosse, uma autoridade. Até hoje, a mais expressiva.

Crítico literário, trouxe a leal interpretação dos renovados textos de uma geração que se libertava dos modelos convencionais para montar ideológicamente uma nova escola de prosa e da poesia. Aliás, sua prosa enxuta, fluente e limpida se enriquecia de um vocabulário sem pedantismo entretanto de uma aparato de beleza gramatical. Discípulo amado da Graça Aranha, honrou o legado do mestre.

Renato Almeida foi mesmo para mim uma figura inesquecível. O amigo necessário, prestimoso e útil e que colocava em tudo a nota de seu elan. Homem do Itamaraty, onde viveu sua vida exemplar de funcionário de dotes geniais, não se tornou um burocrata frio ou formal. Pelo contrário. Impulsionou seu campo de atividade nas missões, designações e comissões que recebeu. E foram muitas. Exerceu-as com calor e entusiasmo e competência. Procurando novas diretrizes de fabulosas clares. Dando uma expressão rentavel nas tarefas oficiais.

Personalidade do mundo social, ele o aceitou mas soube mostrar-se um controlador dos gestos e maneiras. Nobre e gentleman. Sem esforço. Mas ao natural. Presidindo, dirigindo ou chefiando instituições ou escolas, comissões ou jornais ou missões. Ganhando condecorações ou recebendo notabilidades. Renato Almeida deixou a marca de sua poderosa vontade, requinte e humanidade. A voz de seu eloqüente comandar era tranqüila e firme.

A família, a esposa, as filhas, os genros, os netos e as netas, e o quadro da intimidade do lar, ele o valorizou com sua magnífica arte de amar a vida.

Renato Almeida, o amigo perfeito, que a morte não fez seu habitual roubo, levando-o para as incognitas paragens, porque estará para sempre diante de nossos olhos tristes. Como líder harmonioso de charme indestrutível, sua perenidade é a mesma que se planta na lembrança sublime do lóbulo mais acalentado da memória. Tão doce no resguardo suave da imagem amável do amigo que partiu.

Dante de Laytano
Seção de IBECC – Rio Grande do Sul

RENATO ALMEIDA, O CAVALEIRO ANDANTE DO FOLCLORE BRASILEIRO

Filho de Santo Antonio de Jesus (BA), terra de Isaias Alves, Landulfo Alves e Rômulo Almeida, seus ilustres primos. Nome de que muito se orgulha a Bahia e os demais estados do Brasil. Sua inteligência fúlgida e o seu caráter de escol foram colocados a serviço dos ideais da SEMANA DE ARTE MODERNA de São Paulo (1922). Soube, como poucos, ser fiel aos postulados de valorização do legado popular brasileiro, apoiando-se sempre na busca das raízes de nossa identidade cultural.

Sabia dialogar com as diversas gerações, bastando tão somente que elas se identificassem com os principais valores do ideário de Renato Almeida consubstanciado no auscultar com carinho a alma de nossa gente.

O nosso primeiro encontro deu-se em uma das dependências do Palácio Itamarati (RJ), sala da Mapoteca, nos idos de 1950. Ágil, irrequieto por temperamento, caminhando de um lado para o outro, terminou por ouvir-me depois, descontraído, sentado à mesa, quando então lhe pude revelar o desejo de aplicar os conhecimentos de folclore que adquirira em Buenos Aires com o saudoso mestre Augusto Raúl Cortazar. Eis quando, tomando de uma folha de papel, foi logo rabiscando tudo quanto ele achava que eu devia recolher em minhas futuras pesquisas de campo. Usou da palavra como se fosse um iluminado. Falou-me com entusiasmo do que vinha realizando à frente da Comissão Nacional de Folclore através da rede de congêneres que cobria quase todo o território brasileiro. Ressaltou ainda os trabalhos que vinham sendo divulgados, mimeografados, sob o título de *Documentos*. Ao sair, presenteou-me com uma coleção do *Boletim* em cujo final podia-se ler amplo noticiário, além de um excelente registro bibliográfico mensal. Através daquela entrevista, pude tomar conhecimento do grande sonho de Renato Almeida que era justamente o de elaborar um CALENDÁRIO DOS FOLGUEDOS POPULARES DO BRASIL – uma espécie de pré-figuração do GRANDE ATLAS DO FOLCLORE BRASILEIRO – que, por sua vez, teria como base os *atlas regionais* e/ou *estaduais*, bem como os dados contidos em monografias pertinentes.

Aquele encontro marcou para sempre a minha carreira científica, apesar de eu já conhecer a sua obra magistral – INTELIGÊNCIA DO FOLCLORE (1957) – recomendada por especialistas ingleses e a sua importante HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA (1942, 2ª ed.) que também me despertou a atenção para a figura humana deste grande "scholar", contribuindo para que eu não resistisse à tentação de procurá-lo, apesar de minha timidez de jovem e de minha incipiência em matéria de folclore.

Como se não bastasse o valioso acervo de suas obras científicas, Renato Almeida conseguiu realizar tudo aquilo com que, sem êxito, já haviam sonhado Amadeu Amaral e Afrânio Peixoto: a criação de uma entidade de caráter nacional que se dedicasse aos estudos, à pesquisa e à divulgação de nosso folclore. Criou, portanto, a COMISSÃO

NACIONAL DE FOLCLORE (IBECC/UNESCO), responsável pela implantação de uma extensa rede de comissões estaduais ainda em pleno funcionamento. A Comissão representou a maior alavanca de estímulo aos estudos folclóricos e de coordenação dos trabalhos de campo.

Apoiado numa equipe de pesquisadores e parceiros de ideal, sugeriu ao então Ministro da Educação e Cultura a criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro que depois se transformou no dinâmico INSTITUTO NACIONAL DE FOLCLORE (MEC/FUNARTE), responsável por uma admirável obra que cobre os mais variados setores de nosso folclore.

Projetou e realizou vários congressos e encontros de folclore, inclusive um de nível internacional. Acrescente-se ainda a criação do Conselho Nacional de Folclore, do qual participou como um de seus membros fundadores.

Como bem se pode depreender, Renato Almeida era também um "gentleman" e muito afeito às lides diplomáticas. Vejamos: Enquanto atuava externamente através do prestígio internacional do IBECC que representa a Comissão Nacional da UNESCO no Brasil, não se descuidava, em tempo algum, das gestões internas junto ao Ministério da Educação e Cultura no sentido de motivá-lo a atentar para os problemas das tradições populares brasileiras. Para conseguir tal objetivo, ninguém melhor do que ele no uso do diálogo, dos bilhetes cordiais, das cartas persuasivas, dos telefonemas, do expediente oficial, enfim, de todos os recursos permitidos pelas boas regras do jogo do companheirismo, da amizade ou, simplesmente, das convencionais normas executivas. Quem saiu ganhando nesta história toda foi a própria cultura brasileira que lhe há de ser eternamente grata. O Brasil deve uma grande homenagem a Renato Almeida, um de seus mais ínsignes filhos! O IBECC dá o primeiro passo neste sentido. . .

Ático Vilas Boas da Mota
— Professor de Folclore Ibero-Americano
da Universidade Federal de Goiás
— Vice-Presidente da Comissão Nacional
de Folclore (IBECC/UNESCO)

Com tristeza recebemos a notícia do falecimento do Doutor Renato de Almeida. Na Diretoria da Comissão Nacional do IBECC, Renato de Almeida passou por quase todos os cargos, chegando a ser, por longo tempo, seu Presidente. Em todas as posições que ocupou sempre guardou um modo especial para tratar os colegas e amigos da Comissão Paulista do IBECC. Podemos dizer, sem sombra de erro, que foi o amigo de todas as horas, de grandes lutas, e que nos auxiliou a formar a história desta Comissão.

Sinceramente, lamentamos profundamente sua perda.

De repente, parada no tempo, refazendo uma retrospectiva destes trinta anos de trabalho na Comissão de São Paulo, verifico que o tempo inexorável foi levando toda uma pleiade de grandes batalhadores. No Rio perdemos: Lourenço Filho, Levi Carneiro, Zoraima Nogueira Porto, Dante Costa, Lourdes Pedreira de Freitas, Themistocles Cavalcanti e agora Renato Almeida. Em São Paulo: Geraldo Paula Santos, Raul Briquet, Noé Azevedo, Marina Cintra, Milton Estanislau do Amaral, Paulo Mendes da Rocha e Jayme Cavalcanti.

As batalhas não são perdidas se a luta continua. Portanto, continuando os programas traçados, mantendo o espírito e a tradição do dever, da honestidade e realizando, anos após anos, o trabalho iniciado, será, de certa forma, a homenagem que

podemos prestar a todos eles. E, dentro do modo peculiar do sentir de cada um, certamente guardaremos de um modo particular uma passagem que, no fundo, representará uma carinhosa lembrança.

Maria Julieta Sebastiani Ormastroni
Diretora Executiva do IBECC — Comissão de São Paulo

CONSAGRAÇÃO AO FOLCLORE

Impressiona pelo desprendimento a consagração de Renato Almeida ao folclore. Na condição de ensaísta merecidamente festejado, estudioso de Goethe (*Fausto, Ensaio sobre o Problema do Ser*, 1922) autor de *Velocidade*, (1932) e de numerosos outros livros, amigo de Graça Aranha, passou a preocupar-se e a ocupar-se com a cultura popular tradicional, assunto mal visto e depreciado, no Brasil, até 1946. Ele mesmo explicava a opção consciente como fulminante "paixão de velho".

Escapava-lhe a direção do caminho percorrido, por deliberação amadurecida. O ponto de partida foi a *História da Música Brasileira* (1922), livro pioneiro ainda hoje indispensável; o lugar de chegada, *Inteligência do Folclore* (1957), e outras dádivas do escritor ao fascinante assunto. De permeio, situa-se a sua obra inescrita, realizada com o entusiasmo e o fervor de cada dia: a valorização do folclore, conhecimento da genuinidade profunda do homem brasileiro, projetada na realidade universal, por meio da Comissão Nacional de Folclore, do IBECC, órgão da UNESCO, a qual dispunha e dispõe de comissões estaduais, em quase todas as unidades da Federação. Com muita fé, pertinácia, finura e esperança, conseguiu desencadear, neste país, movimento nacional dessa envergadura.

Dos primeiros chamados para a tarefa, não isenta de obstáculos, valeu-me a fidelidade ao amigo dileto, prolongada, a partir de agora, no culto à sua memória.

Aires da Mata Machado Filho
Folclorista — Minas Gerais

RENATO ALMEIDA

Conheci Renato Almeida quando cursava o Conservatório Dramático Musical de São Paulo. Era o ano de 1952. Ano em que, em decorrência do I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, em 1951, por convocação da Comissão Nacional de Folclore, do IBECC, intensificavam-se em todo o país os estudos de Folclore.

Acompanhei-o, de perto, até janeiro de 1974, quando realizou-se em Brasília o VII Congresso Brasileiro de Folclore, igualmente constituído pelo IBECC, agora em conjunto com a Campanha de Defesa do Folclore, do Ministério da Educação e Cultura, ocasião em que foi obrigado a afastar-se das intensas atividades que sempre desempenhou.

No interim, a admiração do primeiro encontro, cresceu e ampliou-se. E uma sólida amizade consolidou-se com o passar dos anos.

Renato Almeida esteve sempre presente, com o seu incentivo, o seu apoio, a sua segura orientação, às atividades e promoções realizadas em São Paulo, no campo dos estudos da Ciência do Folclore e na abrangência das Ciências Sociais e Humanas.

Entre as inúmeras participações que poderiam ser referidas, destaco a honra de ter contado com a sua erudita e marcante presença, na banca de defesa de tese de mestrado a que me submeti na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e de que participaram também, em sessão presidida por Hiroshi Saito, Antônio Rubbo Müller, Dante de Laytano, Herbert Baldus e Fernando Altenfelder Silva.

A geração atual de intelectuais brasileiros que elegeram a Ciência do Folclore como foco central de seus estudos, pesquisas e análises, é decididamente influenciada pela vida e obra de Renato Almeida.

Brilhante em todas as ocasiões, profundo nos temas abordados, sempre eclético nas intervenções, com Renato Almeida encerra-se um brilhante capítulo da estória e da História do Folclore Brasileiro, e em plano mais amplo, da própria Cultura Brasileira.

Alfredo João Rabaçal
Diretor
Instituto de Artes do Planalto
Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"

RENATO ALMEIDA

Ao fazermos o registro do passamento de Renato Almeida, estamos contristados por perder o folclore brasileiro uma das suas mais expressivas figuras, cuja obra deixada, pelo seu valor inestimavel, representa um marco glorioso nos anais da história do Folclore Nacional.

Conhecemos a Renato Almeida, já na década de 50, quando aprendemos a respeitá-lo pela sua apaixonante dedicação a tudo quanto se relacionava às manifestações da cultura popular brasileira.

Autor de várias obras com substancial valor, seria de grande importância para a cultura nacional, se as mesmas fossem reunidas numa edição em que se enfeixassem, em mais de um volume, possibilitando a todos os órgãos culturais, escolas e bibliotecas públicas ou particulares, mante-los em suas prateleiras para diuturnas consultas, tal o valor que essas obras encerram.

Renato Almeida partiu para o Oriente Eterno, mas a sua imagem permanecerá para sempre em nossas memórias, lembrando os preciosos momentos que o tivemos em nosso meio.

Nós da Comissão Catarinense de Folclore, apresentamos nossos sentidos pêsames pelo seu infausto passamento, daquele que soube ser o mais autêntico dos folcloristas nacionais.

Dorالécio Soares
Comissão Catarinense de Folclore

UMA LEMBRANÇA...

Renato Almeida, um nome que se pode dizer, lembra folclore...

Apesar da multiplicidade de suas atividades, ou melhor, o escritor, o crítico, o filósofo, o pedagogo, ocupou, sempre, o maior espaço nas suas realizações — o folclore.

É bastante que se faça uma análise da sua atuação à frente da "Comissão Nacional de Folclore do IBECC" durante muitos anos, partindo de 1947.

Promovendo periodicamente reuniões com os estudiosos do Rio, no velho Palácio do Itamaraty do ex-Distrito Federal, sua preocupação constante era descobrir nomes ou pessoas que se dedicassem, sob qualquer forma, ao estudo dos costumes de nossa gente, à cultura do "folk".

Fosse no Rio Grande do Sul ou no Amazonas, em qualquer região do país, desejava reunir elementos dedicados às coisas do povo, para poder fundar as Comissões Estaduais de Folclore.

E, assim, iam surgindo em todo o Brasil grupos capazes de dinamizar, proteger, divulgar as manifestações artísticas de nossa gente. Era do conhecimento de todos que, em certas partes do país, as exibições folclóricas sofriam restrições por parte das autoridades civis ou religiosas.

Promoveu congressos de folclore em Alagoas, Bahia, Ceará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo.

A figura de Renato Almeida, nestes conclaves, se agigantava pela alegria, dedicação com que dirigia os trabalhos, dando ao folclore um tratamento coloquial em que se trocavam informações com representantes de todas as regiões do Brasil.

Graças a dedicação de Renato Almeida — através das comissões estaduais de folclore — revelaram-se grande nomes no estudo da cultura e tradições do povo.

Que permaneça nas gerações mais jovens, a herança deixada por Renato Almeida, isto é, o amor e entusiasmo sempre revelado no estudo e divulgação do folclore brasileiro!.

Dulce Martins Lamas
Folclorista — Rio de Janeiro

RENATO ALMEIDA

Conocí personalmente a Renato Almeida en agosto de 1954, en ocasión de realizar-se en San Pablo el Congreso Internacional de Folklore, memorable por su trascendencia universal, ya que al mismo acudieron estudiosos de todo el mundo. Era el momento en que los estudios folklóricos en el continente empezaban a mostrase en toda su importancia y grandeza.

En ese Congreso, el ilustre maestro se constituyó en una figura excepcional por la elevada jerarquía intelectual con que lo presidió y por los trabajos de base que elevó a consideración de los participantes.

Despues vino a Buenos Aires en 1960, al Congreso Internacional de Folklore que aquí se realizó, al frente de una calificada delegación de estudiosos brasileños. Allí volvió a asombrar a los asistentes por su espíritu amplio y la profundidad de sus concepciones teóricas con respecto a la ciencia folklórica y al folklore musical, participó prácticamente en todas las comisiones y desplegó con señorío y elegancia su capacidad de diplomático brilhante, uniendo sabiduría y sencillez.

Entre esos dos Congresos y posteriormente al de Buenos Aires, nos unió una correspondencia frecuente, pródiga en afecto y en inquietudes que compartíamos como buenos amigos. A mí, personalmente, me ayudaron muchíssimo sus esclarecidas comunicaciones, sus coincidenciais y disidencias, y creo que fue sin duda alguna el investigador que dió al Brasil parámetros fundamentales de la ciencia folklórica contemporánea.

Forjador de una pléyade de brillantes discípulos, Renato Almeida es un símbolo de este siglo en que la tecnología y el industrialismo parecieran querer sepultar el humanismo, que quiérase o nó, será por lo que el hombre ha de salvarse. Así tambien debió pensar aquel inolvidable maestro de maestros que se llamó Silvio Romero.

Félix Coluccio
Folclorista - Argentina

DEPOIMENTO SOBRE RENATO ALMEIDA

Eu tinha 20 anos de idade quando conheci Renato Almeida, em Porto Alegre, liderando a Semana de Folclore que aqui se realizava. Pela ótica da juventude, ele me pareceu um velho, mas um velho simpático, sorridente, elegante com seu chapéu negro de diplomata. Ele causou profunda impressão à nossa turma, e daí por diante o Paixão Côrtes e eu, sempre que pronunciávamos a palavra "folclore" — não em público mas em nossas prosas mano a mano —, carregávamos no seu *r*, "folclórrrrr", numa imitação ao sotaque nordestino do Mestre. Nos vinte anos seguintes, fui me tornando homem maduro enquanto Renato Almeida me parecia cada vez mais jovem, irradiando entusiasmo e renovando a confiança na ciência folclórica. Pelo resto da vida, quando eu disser "folclórrrrr", estarei homenageando aquele que nos ensinou a lutar pelo reconhecimento do Folclore entre as mais nobres disciplinas da área humanística.

Barbosa Lessa
Secretário de Cultura, Desporto e Turismo
do Rio Grande do Sul

RENATO DE ALMEIDA

O nome de Renato Almeida está indelevelmente ligado à organização e ao reflorescimento do Folclore no Brasil.

O saudoso diplomata dedicou-se inteiramente a uma tarefa que na oportunidade era ciclópica e exigia, além de largo conhecimento do assunto, integral devotamento e grande dinamismo, para a criação das Subcomissões que se instalaram dentro de cada seção estadual do Instituto Brasileiro de Educação e Cultura — IBECC.

Coube-nos ocupar o cargo em Sergipe, o que nos ensejou conhecer e apreciar a figura afável, entusiástica e extremamente ativa de Renato Almeida, que colocou toda sua inteligência, cultura e capacidade a serviço da causa folclórica em nosso país.

Foi para nós grande felicidade nos somarmos ao Ministro e à equipe da velha guarda dos folcloristas nacionais. Todos olhávamos o folclore como coisa séria, merecedora de adequado tratamento, como só a sutileza e o espírito privilegiado de Renato Almeida sabia encarar.

Ele nos convocou a todos, contaminando-nos com sua dedicação e seu amor ao estudo aprofundado, para a larga exegese do volumoso acervo do populário nacional. O trabalho era imenso. Reunir tudo quanto existia em todo o território pátrio nas diversas e muitas áreas do Folclore e, daí em diante, prosseguir sem descanso na enorme tarefa, na coleta e pesquisa de material, na promoção de congressos, encontros e publi-

cações que registrassem, para sempre, a riqueza do populário em um país de múltiplas raízes culturais como é o nosso.

Atividade tão complexa exigia um coordenador que liderasse a extraordinária obra. Renato Almeida conduziu-a com a maior eficiência, estimulando, incentivando, despertando ou fazendo renascer o amor às tradições populares no seio dos estudiosos e intelectuais.

Por sua mão foram florecendo e se enriquecendo as diversas áreas do folclore brasileiro. Criada a Comissão Nacional, passou-se à Campanha, até consolidar-se o atual Instituto, que tem prestado inegáveis serviços à cultura e às tradições de nosso povo.

Desde os meados do século que Renato Almeida, entregue à ingente tarefa, desenvolvia ininterrupta e cada vez mais o conhecimento do nosso populário, levando a que seu estudo alcançasse nível universitário, através de caravanas e professores-visitantes que percorriam as capitais e algumas cidades do país.

O mestre Renato Almeida plantava semente fértil, que sempre vicejou, com a participação efetiva, sob seu comando, dos conhecedores, interessados e estudiosos da matéria.

É de sua autoria um Manual que revela suas qualidades de pesquisador e de docente.

O Instituto Nacional do Folclore é um marco imperecível que se confunde com o próprio Renato Almeida. Nele ele está redivivo para sempre, pois não se pode falar na Obra sem divisar implicitamente o Homem; formam um só todo.

Sua peregrinação através do território nacional, na década de cinqüenta, foi o grande impulso de que resultou a intensa movimentação folclórica no país, sustentada pelas figuras mais expressivas e autorizadas do nosso saber popular. É aí que se destaca sua personalidade ilustre e de irrefreavel dinamismo, cuja memória muito justamente é homenageada neste número especial do Boletim do IBECC.

Não fosse a ação patriótica e invulgar determinação do pranteado morto, talvez o inesgotável manancial folclórico brasileiro jamais conseguisse atingir o respeitável padrão de que desfruta nos dias atuais.

Por sua sadia, entusiástica e louvável diretriz traçada com profeciência, segurança e alta competência, sentimos o indeclinável dever de proclamá-lo o autor do renascimento do agora perene movimento folclórico brasileiro, e o fazemos com sentida emoção e como merecido preito de justiça, ao reconhecermos a valiosa obra que legou ao Brasil.

É o nosso sincero depoimento.

Felte Bezerra
Folclorista — Rio de Janeiro

SOBRE RENATO ALMEIDA

Ao tempo em que dirigimos a Comissão Cearense de Folclore, tivemos o ensejo de nos aproximar de Renato Almeida, Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore, cargo que ilustrou durante vários anos.

Admirávamos nesse intelectual, sempre judicioso em suas observações, o equilibrado dinamismo das atitudes, a afabilidade no convívio social e, especialmente, o domínio que possuia da disciplina folclórica.

Procurava estar sempre atualizado com relação aos avanços científicos no âmbito da Cultura Popular.

Ademais, exerceu benéfica atuação junto aos cultores do Folclore, disseminados por todo o País.

Concorreu para estreitar laços de amizade, que, não raro, se tornou fraterna, entre pessoas que, antes, apenas se conheciam através de suas publicações.

Florival Seraine
Folclorista – Ceará

RENATO ALMEIDA

Os estudos folclóricos em São Paulo muito devem a Renato Almeida. Por exemplo, a realização do Festival do Folclore do IV Centenário da Cidade (1954) e a consolidação, na década seguinte, do Museu de Artes e Técnicas Populares, no Ibirapuera.

A recíproca é verdadeira, se considerarmos a influência de Mário de Andrade em sua obra, notadamente na *História da Música Brasileira*, a partir da segunda edição. Ele mesmo relatou, em depoimento a Edgard Cavalheiro, essa "virada" decisiva em sua vida intelectual. Chegava ao Folclore pelos caminhos do modernismo, como tantos outros, e pelas mãos de Mário, ousariamos dizer.

De seu lado, os folcloristas de São Paulo devem a Renato um constante incentivo na renovação dos estudos e na continuidade, em bases científicas, da obra dos pioneiros, muitas vezes inteiramente "intuida". Aqui como alhures a pesquisa de campo muito lhe deve. Mas não abria mão da teoria nem da sistematização. Sem elas, a pesquisa nada vale, dizia. Renato marcou certamente a geração de folcloristas paulistas que procurou, e procura ainda, continuar a obra de Amadeu Amaral e Mário de Andrade.

Hélio Damante
Comissão Paulista de Folclore

Renato Almeida reunia em si excepcionais qualidades de planejador e executor. Ativo e corajoso, com invulgar poder de liderança, naqueles antigos tempos de difíceis comunicações, buscou e encontrou, neste Brasil imenso, pessoas que acreditaram em seus propósitos, trabalhando com ardor numa tarefa em que havia de tudo, menos verbas. Entretanto, a sua palavra constante de apelo e incentivo, conclamando ação e, se possível, sacrifício, conseguiu estabelecer uma rede sólida de relações com personalidades díspares, conseguindo resultados imprevisíveis. Sempre bem humorado, resolvendo questões múltiplas em tempo mínimo, senhor de uma memória prodigiosa e uma cultura invulgar, sempre com a sugestão exata na hora certa, Renato Almeida, com todo o idealismo que marcou a sua obra, foi sobretudo um homem prático.

Hildegardes Vianna
Presidente da Comissão Bahiana de Folclore

Renato Almeida representou um momento marcante e feliz na vida cultural do Brasil nos anos 40 do nosso século. Nenhum intelectual brasileiro, antes dele, tomara a iniciativa de reunir estudiosos da cultura nacional numa campanha de conhecimento e

defesa do saber popular em nossa terra. Seu trabalho foi de extraordinária significação, quando se tornou, com a Comissão Nacional de Folclore, o grande articulador dos estudos folclóricos brasileiros, indo buscar, nos mais distanciados rincões da pátria, todos aqueles que se interessavam em pesquisar as manifestações da alma popular. Pelo ineditismo da sua atividade, pela dedicação ao trabalho em boa hora empreendido, pela ação de brasilidade que realizou, o escritor de A Inteligência do Folclore, homem de idéias e de ação, bem merce ser considerado como um dos maiores servidores da vida cultural brasileira em todos os tempos.

José Calasans
Folclorista – Bahia

RENATO, O AMIGO

Era um bólido e tinha semelhança com Santo Antônio: parecia estar em vários lugares ao mesmo tempo. Quando eu lhe escrevia para o Rio ele me enviava um cartão postal do México e antes que acabasse de lê-lo vinha notícias de Portugal, e a seguir outra carta do Paraguai.

Memória prodigiosa. Seu cérebro, o mais perfeito computador humano que conheci. Na roda de amigos era o contador de estórias e nos deliciava com sua enciclopédia anedotária que folheva nos momentos de folga das suas andanças sem-fim. Descansando de conferências e palestras, de pesquisas e levantamento de dados. Do convencer às autoridades da importância de fomentar o artesanato, a arte popular como complemento do Turismo cultural. Do insistir junto aos jovens folcloristas de que "o Folclore é uma atividade científica e uma atividade humana, uma e outra têm de ser realizadas com inteligência e amor."

E agora, Renato quais as suas andanças, em que mundo irá pesquisar?

Laura Della Monica
Folclorista – São Paulo

RENATO ALMEIDA – COMEMORAÇÃO E REMINISCÊNCIAS

De dezembro de 1980 a fevereiro deste ano, deu-se um curso de *Especialização em Música Folclórica Brasileira* na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. À notícia do falecimento do Mestre, o diretor do curso, Pe. José Geraldo de Souza – que com Renato privara desde 1954, ao celebrar-se o 1º Congresso Internacional de Folclore, em S. Paulo – programou uma comemoração especial. Foram afixadas às salas de classe do Departamento de Formação Musical diversas notas bio-bibliográficas com comentários sobre o incomensurável valor de Renato Almeida, literato e musicólogo, folclorista e pedagogo. Durante as lições dos dias sucessivos, fizeram-se apresentações das suas obras fundamentais, com leitura e síntese dos profundos estudos críticos, estéticos e históricos. Todos os cursistas – professores da Universidade e dos Conservatórios de Uberlândia, Uberaba, Araguari e Goiânia – participaram dos seminários de estudo liderados pelos coordenadores dos grupos: Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Oneyda Alvarenga.

E agora um depoimento. Em julho de 1966, celebrava-se no Rio de Janeiro um curso de Canto Pastoral. Convidei o Amigo para uma sessão festiva em que lhe apresentaria os compositores de igreja da fase pós-conciliar.

E saudei-o, então, como "pioneiro" da função comunicadora da música com o povo, e que o Concílio Vaticano canonizara com a oficialização do uso da língua vernácula na música litúrgica. Fora em maio de 1952: oficiando eu a missa da Festa da Santa Cruz, na Aldeia de Carapicuíba (SP), sugeriu-me ele que, lá pelo fim de celebração (que não exigia o canto do celebrante) despedisse a assembléia entoando um bonito "Ite Misse est", pois "o povo gostaria e haveria de compreender melhor".

Sim, Renato: tua missão foi cumprida e nós gostamos e te compreendemos.

José Geraldo de Souza
Comissão Paulista de Folclore

DEPOIMENTO SOBRE RENATO ALMEIDA

Leitora assídua dos valiosos trabalhos de Renato Almeida, só o conheci pessoalmente, mais tarde, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, quando proferia conferência sobre Folclore. Foi um encontro formal, porém suficiente para admirar sua fluência, conhecimentos profundos, finura no trato e simpatia que lhe eram peculiares.

Com saudade e reverência, lembro-me dos contatos com ele, em São Paulo, nas comemorações do mês do Folclore, patrocinadas por Rossini Tavares de Lima e em outras ocasiões. Em nossos encontros, diversos assuntos vinham à baila. Ouví-lo era mais interessante do que falar. A sua presença tornava os momentos agradáveis e proveitosos.

Em minhas viagens ao Rio, visitava-o, na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, então sediada no Ministério da Educação. Instalações precárias e a figura entusiasta de Renato Almeida a projetar e executar tudo o que lhe era possível.

Não o conheci diplomata, professor, diretor de estabelecimento de ensino. Apenas, escritor e folclorista. Foi o bastante, para reconhecer sua modéstia, erudição e notável inteligência a serviço da cultura brasileira.

Maria Amália Corrêa Giffoni
Comissão Paulista de Folclore

RENATO ALMEIDA

Conhecer Renato Almeida, antes de ser uma honra, pelo expressivo cabedal de conhecimentos intelectuais e artísticos de que era detentor, foi uma grata satisfação, pelo imenso potencial de sensibilidade humana que lhe descobrimos, tão logo nos relacionamos com aquela figura simpática e paternal, sempre afeita a tolerar erros porventura cometidos, a abrir para o aluno, como para o amigo, novos horizontes a si familiares.

Em Renato, como o conheciamos, o amigo e o Mestre se confundiam, através do sorriso costumeiro ou da expressão austera significativa de análise diante de um problema apresentado.

Sua passagem pelas diferentes veredas do conhecimento humano foi marcada indelevelmente por domínio e equilíbrio, frutos de exegese, de profundo raciocínio, haja vista sua obra sólida, de 1926 a 1974, diversificada, que vai do ensaio filosófico à didática do Folclore, passando pelos caminhos da Música, da Arte em geral.

Baiano de nascimento, Renato Almeida, honrou, não apenas o seu chão, mas todo o Brasil, que representou, com propriedade, na Liga das Nações, legando relevante folha de serviços nos campos da Diplomacia, do Magistério, da Administração Pública. E nós, folcloristas, deste rico e imenso país, recebemos do Mestre os maiores e mais substanciais ensinamentos, vasados nos moldes de suas experiências, de sua grande vivência folclórica.

— INTELIGÊNCIA DO FOLCLORE — por si só seria suficiente para caracterizar o homem de pensamento, o intelectual de refinada sensibilidade, o Folclorista amadurecido e convicto que era, se a essa obra não se tivessem seguido outras de considerável valor.

— HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA, levou o Mestre a amar as manifestações do sentimento e do pensamento coletivos e seu Destino, assinalado por genialidade, se deteve no Folclore, para que, além de todos os seus virtuosismos, terminasse seu roteiro na Terra como um dos exponenciais da Cultura Popular Brasileira.

Ao amigo e ao Mestre, as flores da minha saudade.

Maria Brígido
Folclorista — Pará

RENATO ALMEIDA

Sobre a bibliografia de Renato Almeida ergue-se a edificação de sua inteligência e de sua cultura. A diversificação temática e a profundidade das inquirições revelam a inquietude do espírito em busca do conhecimento. Manipula o problema do ser com a frieza do raciocínio e a beleza da poesia; integra o modernismo, em 22; sistematiza historicamente a música brasileira; dedica-se à educação; milita na imprensa; exerce a diplomacia; incorpora-se à Liga das Nações e à Unesco, cooperando intelectualmente nas tentativas de paz universal.

Na década de 40, inicia o movimento oficial dos estudos folclóricos no Brasil, atraindo e congregando especialistas nos Estados, alcançando uma repercurssão internacional que hoje envolve o Instituto Nacional de Folclore. A folcmúsica o levou ao universo da sabedoria do povo, que depois o absorveu e lhe norteou a vida. Da circularidade inerente ao seu modo de ser (campo-gabinete) destaca-se *Inteligência do Folclore*, obra de exegese, doutrina, análise e interpretação do fato folclórico.

E podemos pensar — tão grato lhe era — que em torno de lastro complexo de sua formação, teriam flutuado as sempres vivas recordações da infância em Santo Antônio de Jesus (BA), as feiras semanais, os bumbas e as capoeiras, as estórias da carochinha, o ciclo do Natal com os bailes pastoris diante dos presépios e as lembranças dele mesmo, o menino que carregava a rosa à frente do cortejo do Terno de Reis.

Para Renato Almeida, "a beleza não é só o momento do êxtase, mas também o momento de ação." Sua vida, luz e movimento, foi intensamente bela.

Maria de Lourdes Borges Ribeiro
Instituto Nacional de Folclore

RENATO ALMEIDA, PROPULSOR DE MOVIMENTOS

Conheci Renato Almeida durante a Primeira Semana de Folclore, realizada no salão do Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro. Isto foi no ano de 1947. Ele estava apresentando ao público Cecília Meireles. Havia pouca gente, bem pouca gente se comparamos aquela Semana com as conferências sobre Folclore, dos nossos dias. Mas a novidade do tema e da iniciativa constituia uma grande atração, fazendo com que estivessem presentes aqueles que iriam formar o primeiro núcleo de colaboradores imediatos de Renato Almeida. Recordo, sobretudo, Joaquim Ribeiro, Edison Carneiro, Manuel Diégues Júnior, Celso Kelly. Talvez Rossini. Os *Anais* da Primeira Semana foram publicados, mas nem todas as pessoas cujos nomes ali aparecem participaram de fato. Daí o valor dos testemunhos pessoais como o que presto, entre outros testemunhos. Arthur Ramos, por exemplo, não compareceu, pois discordava da orientação que Renato ia imprimindo ao Folclore. Ramos, o único professor catedrático que ensinava Folclore na Universidade do Brasil, naquele então, dentro de seu curso de Antropologia Cultural, encarava a Ciência do Folclore com muita seriedade, achando que Renato prejudicava esta seriedade com que deveria ser tratada sempre, pois Renato se fazia arrodear por muitos intelectuais que careciam de preparação antropológica. Tampouco esteve presente Câmara Cascudo, que já havia fundado a Sociedade de Folclore do Brasil ou estava por fazê-lo, no Rio Grande do Norte, na esperança eterna de que ela fosse reconhecida como a associação nacional. A Semana de Renato Almeida representava uma nítida ameaça para a Sociedade de Folclore do Brasil e de fato a destruiu ao criar as bases para a criação da Campanha de Defesa do Folclore, que assim se chamou porque o nome "Sociedade" aplicada ao Folclore já vigorava em Natal. Câmara Cascudo nunca perdoou Renato Almeida por estas e outras. É o que recordo. Até onde há verdade nisso tudo?

Este breve depoimento que faço para o *Correio* do IBECC é uma homenagem à figura de Renato Almeida, que fica na história do folclore do Brasil como o mais eminente impulsador de movimentos, centralizador de inquietações, animador, estruturador de congressos, divulgador. Não foi necessariamente um tratadista ou *scholar*, mas sim um infatigável batalhador pela causa, o que requer especial inclinação e denodo.

Paulo de Carvalho Neto
Professor de Folclore e Mitologia – California State University Long Beach

RENATO ALMEIDA

Quando conheci pessoalmente Renato de Almeida ele já conhecia minha terra e já havia explorado meu mundo folclórico. Em 1942, por ocasião do Batismo Cultural de Goiânia, com Luiz Heitor, teve ele oportunidade de assistir às apresentações de grupos folclóricos que, vindos do interior do Estado, participavam da grande festa que reuniu aqui sérios congressos de vários setores da cultura brasileira.

Enfrentando as dificuldades da época e o desconforto de uma cidade que nascia nos descampados do centro-oeste, Renato, com o entusiasmo e tenacidade que lhe eram peculiares, gravou, diretamente em discos, músicas dos nossos cantadores e registrou as danças e os folguedos aqui apresentados. Trabalhou em meio do pó vermelho que se levantava do chão onde o asfalto não havia chegado. Lutou contra a deficiência

de energia elétrica e dos recursos técnicos (inexistentes quase) mas seu grande amor pelo folclore levou-o a vencer os obstáculos, resultando do trabalho realizado não só as precárias gravações como a publicação do estudo "Discos gravados em Goiás" para a Escola Nacional de Música.

Posteriormente, apresentada por Alceu Maynard Araujo, o mestre me recebeu carinhosamente em sua casa no Rio, onde reuniu, em noite festiva, vários amigos para falarmos do folclore da longínqua e quase desconhecida terra dos índios Goiases.

Depois de me receber em família, Renato incluiu-me na grande confraria que se chama Comissão Nacional de Folclore encarregando-me de recolher, registrar e comunicar os variados aspectos da nossa cultura popular creditando-me ainda Secretária da Comissão Goiana.

Timidamente aventurei-me a realizar o trabalho para o qual recebi sempre do amigo e mestre todo estímulo e apoio.

Desaparece agora o amigo, mas do homem dinâmico, de mente ágil, inteligência rara, catalizador de forças e pessoas disponíveis no país, ficam sua vasta obra e o exemplo de ação e denodo na defesa do Folclore brasileiro. Seu nome já pertence à história cultural do Brasil.

Regina Lacerda
Presidente da Comissão de Folclore
de Goiás

RENATO ALMEIDA

O Ministro Renato Almeida continua vivo em minha lembrança: agora o revejo, no Plenário do Palácio da Cultura, ou na ante-sala presidencial do Catete, onde aguardávamos ser recebidos pelo Presidente Getúlio Vargas, durante o I Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio, em agosto de 1951 – simpático, dinâmico, cheio de energia, com seu "charme" de diplomata, aparando arestas, coordenando grupos, feliz com as brincadeiras do Câmara Cascudo, dando aos estudiosos do folclore do Brasil, até então dispersos, a dignidade de cientistas sociais.

Para o Espírito Santo sempre demonstrou especial afeto, numa amizade que tinha suas raízes mais antigas em sua admiração por seu mestre Graça Aranha que, entre nós, foi Juiz Municipal e aqui se inspirou para escrever o imortal *Canaã*. Pronunciou palestra no Forum Graça Aranha, em Santa Leopoldina, em 1952. Publicou artigos no boletim *Folclore* da Comissão Espírito Santense de Folclore: "Os folguedos populares no Brasil", "Folclore e educação de base", "O folclore em São Paulo" e "O boi linda frô".

Tendo chegado ao folclore, através da música e das aspirações nacionalistas do movimento modernista, deixou para o estudo do povo muitos trabalhos, dos quais dois reputo mais importantes: *Inteligência do folclore,* Rio, 1957 e *Manual de Coleta Folclórica,* Rio, 1965.

RENATO José Costa PACHECO
Secretário Geral – Comissão Espírito
Santense de Folclore

A QUEM INTERESSAR

Nesta oportunidade quero tornar pública a admiração que sempre devotei a Renato Almeida, a qual não tive ocasião de externar pessoalmente ao eminente professor.

Tudo o que Renato Almeida deixou escrito, sua atividade didática e sua participação em todos os momentos onde se fez necessária sua atuação, evidenciam seu incontestável valor.

Raros conseguem a projeção que ele alcançou no cenário do Folclore brasileiro, porque são poucos os que se dedicam ao seu estudo com a perseverança e eficiência de Renato Almeida.

No Paraná, a Comissão Paranaense de Folclore que atualmente presido, sempre recebeu a carinhosa atenção desse ilustre e dedicado batalhador da patriótica luta pela preservação da cultura tradicional brasileira.

Até nós chegou, através dos relatos dos professores José Loureiro Fernandes, Fernando Corrêa de Azevedo e Oldemar Blasi. o conhecimento da epopéia que foi a instalação das várias Comissões Estaduais de Folclore em 1948 nos Estados brasileiros e a intensa atividade dos seus participantes em posteriores Congressos, reuniões e estudos, sempre guiados pelo idealismo e iniciativa de Renato Almeida.

Desaparece assim um importante baluarte da defesa do Folclore brasileiro, imorredouro entretanto, pelo seu legado de estudo e trabalho e pelo exemplo de desinteressada doação a um ideal. A ele, nossa comovida homenagem.

Roselys Vellozo Roderjan
Comissão de Folclore do Paraná

RENATO ALMEIDA

Matriculei-me na escola de Renato Almeida em 1946, ao término da leitura de sua *História da Música Brasileira*.

No ano seguinte, ele fundava a Comissão Nacional de Folclore, órgão do IBECC, no Palácio Itamaraty.

Em 1950, comecei a escrever sobre variados aspectos do folclore nos suplementos literários de *O Diário* e *Diário de Minas*. Com o intento de abrir um canal de comunicação com o mestre, enviei-lhe um maço de páginas dos citados jornais, que continham algumas daquelas publicações. Pela volta do Correio, recebi a sonhada carta, a primeira, datada de 18 de setembro de 1950, na qual elogiava meus escritos, "cheios de observações felizes", aqui empregando suas próprias palavras. Claro que o elogio me serviu de estímulo, foi uma injeção de ânimo.

Pouco antes, em 1948, liderado por Aires da Mata Machado Filho, participei da instalação da Comissão Mineira de Folclore, seguida de um Curso básico da disciplina, ministrado por Aires, já na qualidade de Secretário Geral da nova Entidade, realizado sob patrocínio do tradicional Conservatório Mineiro de Música.

Conheci o mestre, pessoalmente, em agosto de 1951, ocasião em que trabalhamos e nos divertimos juntos, cerca de uma semana, durante o I Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro.

Honrou sobremaneira minha casa, em 1965, com prolongada visita.

Tornou-se meu amigo. Nunca me faltou nem a folclorista algum. Nossa correspondência se fazia a miúdo, sendo que a derradeira está datada de 29 de julho de 1974.

A Renato Almeida deve-se muito, em termos de contribuição científica, defesa e divulgação do folclore; deve-se tudo, em matéria de organização desses estudos no Brasil. Foi ele que promoveu a ligação entre os folcloristas brasileiros, todos os quais se conhecem e, de mãos dadas a partir de 1947, formam hoje poderosa cadeia de união, fortalecida pelos novos que se aderem à causa e ao nosso grupo.

Saul Martins
Presidente da Comissão Mineira de Folclore

Um dos melhores serviços que se podem prestar à cultura é fazer conhecidos dos estudiosos os trabalhos publicados a respeito de determinado tema. Renato Almeida, além do mérito do que escreveu sobre a história da música, sobre os métodos e técnicas de pesquisa sobre folclore e do que deu de participação e esforço em prol da preservação, da promoção e da inteligência e interpretação do folclore, deve ser lembrado e louvado pela iniciativa da persistente publicação, por muitos anos, de abrangente bibliografia do que se produzia no Brasil naquele campo. Essa bibliografia, distribuida largamente aos interessados, constitui um dos mais valiosos instrumentos para a investigação no particular. Sua valia está em que registra, ao lado da literatura científica sobre a matéria, os eventos ocorridos por todo o país a testemunharem a vitalidade dos costumes, dos gostos, das preferências da população no tocante ao folclore. E a outras manifestações da cultura popular no Brasil.

Thales de Azevedo
Folclorista — Bahia

RENATO ALMEIDA — TRAJETÓRIA DO FOLCLORISTA

No dia 11 de fevereiro de 1922 "O Estado de São Paulo" publicava a seguinte notícia: "Está marcado para depois de amanhã, às 20 horas e meia, no Teatro Municipal, o primeiro festival da "Semana de Arte Moderna", no qual tomarão parte numerosos artistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Nesse primeiro sarau, o Sr. Graça Aranha fará uma conferência sobre "A Emoção Estética na Arte Moderna" . . . " e segue a programação, mencionando-se os artistas e intelectuais participantes do aludido sarau. Na conferência, Graça Aranha lançava a sua teoria e prática da emoção estética: teoria, pelo discurso literário; prática, pela intercalação de números de música executados pelo maestro Ernani Braga e poesias de Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho. A "festa", como se aludiu, não tinha o caráter e sentido lúdico, mas sim, como pretendiam os jovens de então, era uma "festa do espírito". Mário de Andrade, um dos mais ativos modernistas, resumiu a contribuição do movimento: "O espírito modernista reconheceu que, se vivíamos já de nossa realidade brasileira, carecia verificar nosso instrumento de trabalho para que nos expressássemos com identidade".

O programa da Semana de Arte Moderna era extenso, reunia muitos artistas e intelectuais, e de sua coerência e/ou incoerência fala José Miguel Wisnik, ressaltando principalmente a música (*O Coro dos Contrários*, S. Paulo, 1977). Fato indiscutível é que logo o movimento modernista espalhou-se por todo o Brasil, malgrado a situação opressiva do pós-guerra, o país sob estado de sítio, minorias militares inquietando os

quartéis, o manifesto político-revolucionário do general Isidoro Dias Lopes, a rebelião do Forte de Copacabana.

Graça Aranha, acadêmico, dera apoio aos jovens. No Rio de Janeiro, onde vivia, cercava-se de outros jovens. Se, em São Paulo, Mário de Andrade podia detectar a "nossa realidade brasileira", do que vivíamos sem dúvida, não há dúvida também que o "espírito modernista" alimentava-se de muitos equívocos. Renato Almeida, discípulo de Graça Aranha, jovem de 27 anos, brindava-nos, nesse 1922, com o *Fausto, ensaio sobre o problema do Ser*, prefaciado pelo jovem Ronald de Carvalho, o segundo conferencista da Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Que vinha a ser o *Fausto*? Precisamente um ensaio filosófico sobre a transfiguração goethiana do Tinhoso. Não o Capeta da imaginação popular nativa, herdeira da tradição européia, com os acréscimos fornecidos pelo índio e pelo africano, mas o hierático Demônio, Ser da dúvida, o finíssimo Libertino da tradição germânica, capaz de redimir-se. . . pelo amor.

No Brasil, o diabo moleque, com sua multidão de sinônimos, conhecedor de muitas artes, seduções e pavores, estaria talvez mais próximo da "nossa realidade brasileira". E o ensaio de Renato Almeida, por ser um "livro admirável e uma alta profissão de fé", no dizer de Ronald de Carvalho, não deixa de refletir os equívocos, ou os paradoxos, das idéias difundidas em 1922.

Mas Renato Almeida era coerente com sua formação intelectual, semelhante, aliás, a de todos os jovens intelectuais da época, com passagem obrigatória pelos colégios dos filhos de famílias abastadas e pelas Faculdades de Ciências Jurídicas e Sociais. Convivia então com o simbolismo e os simbolistas. Já havia publicado, em 1917, o livro *Em Relevo*, contendo ensaios impressionistas. A redenção do Fausto, pelo amor, nada tem a ver com o diabo da "nossa realidade brasileira", o Anjo Decaído, que vive à esquerda do Bem, useiro e vezeiro da prática do mal, incapaz, ao que parece, de inspirar uma interpretação metafísica.

Discípulo de Graça Aranha, apadrinhado por Ronald de Carvalho, liga-se imediatamente aos modernistas; mas será, como o *Fausto*, um deles? As idéias de Renato Almeida sobre o "moderno" giram mais em torno de "atualização" e deverão continuar, ainda, por muito tempo, vinculadas às suas concepções metafísicas. Na conferência "Formação Moderna do Brasil", pronunciada em Salvador (1923), por ocasião das comemorações do centenário do 2 de Julho, data cívica mais popular na Bahia, defende, como bom discípulo de Graça Aranha, a prática de um "espírito moderno". A esse tempo, continuando impressionista, posiciona-se na vanguarda do modernismo. Em 1926 lança a *História da Música Brasileira*, ainda uma visão impressionista da "vocação musical" brasileira, onde explica esse espírito modernista: "A arte moderna — e assim chamo ao movimento artístico que se manifestou depois da guerra de 1914-18 — brotou da necessidade profunda dos homens do nosso tempo de buscar, por sob as formas usadas e gastas, uma emoção diferente, além do aperfeiçoamento das linhas e do exagero da personalidade. Aquele se tornou frio e precioso, este, inadequado à realidade circunstante. Tudo findava numa vaga melancolia, num negativismo e numa indiferença, incapazes de satisfazer aos homens que buscavam renovar o mundo. Contra esse estado de espírito é que vem a idéia nova". Ou seja, que se coloca o "espírito moderno", idéia cara a Graça Aranha, Ronald de Carvalho e até a Mário de Andrade.

Não obstante o avanço, com a *História da Música Brasileira*, enfim um estudo de parte da "nossa realidade brasileira", Renato Almeida não abandona os estudos filosóficos e de estética. O que produz então se espalha em vasta colaboração pelos jornais e revistas. Em 1923 lança o ensaio *Velocidade* e, em 1936, *Figuras e planos*, mais uma

coletânea de estudos filosóficos e estéticos. Mas este, pelo menos em livro, é o ponto final de suas especulações filosóficas.

Ensaista, crítico e filósofo, Renato Almeida exprimia-se numa linguagem bem elaborada e as qualidades de seu estilo não escaparam à observação dos críticos mais rigorosos. O escritor sagaz, o beletrista festejado, assume o primeiro plano, enquanto o filósofo se esgota. Também na vida quotidiana, na busca da subsistência, há mudanças significativas: troca a banca de advogado pela carteira de professor no Lycée Français, hoje Colégio Franco-Brasileiro. Nesse estabelecimento de ensino, além das cadeiras de Filosofia, Português, História do Brasil e da Civilização, ocupa cargos administrativos e, por fim, de direção. Ingressou também no Ministério das Relações Exteriores, onde chefiou o Serviço de Informações, passando depois para a chefia do Serviço de Documentação, em cujo cargo se aposentou. Absorvido por essas atividades, por representações oficiais em congressos e missões culturais no estrangeiro, aproxima-se da maturidade intelectual com outros interesses. Até a publicação de seu 7º livro, *A Liga das Nações*, com prefácio de Afrânio de Mello Franco (1938), mal se percebe o desencadeamento dos novos interesses e tendências. Quando pensou na segunda edição da *História da Música Brasileira*, pensou sobretudo na reelaboração do seu trabalho. No prefácio desta segunda edição dirá que, embora aparecendo como tal, este é, na realidade, um livro novo. E o é. Juntou abundante documentação de textos musicais, modificou toda a estrutura do livro e, na parte histórica, procurou dar o possível desenvolvimento à formação da cultura musical no Brasil. Então lhe pareceu fundamental o estudo da música popular, adicionando-lhe o material coletado, expondo-o com suas expressões peculiares, por meio de nada menos de 151 exemplos.

A revolução interna no livro é homóloga à que se opera na sua personalidade, com uma tendência muito grande de aglutinar as pessoas e convocá-las para um trabalho conjunto. A nova *História da Música Brasileira*, lançada em 1942, é o produto de verdadeiro mutirão, trabalho elaborado com o apoio de crescido elenco de informantes, na maioria artistas e intelectuais e, principalmente, com o concurso de seus amigos Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo — "de cujos conhecimentos me vali tantas vezes e que, com a maior solicitude, não só proporcionaram inestimáveis contribuições ao meu estudo, como ainda me apoiaram com o estímulo e a autoridade de profundos conhecedores do folclore musical e de abalisados musicólogos".

Mário de Andrade percebeu logo a importância do livro e saudou o seu aparecimento no artigo publicado no "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro, a 23 de março de 1942 (reproduzido em *Música, Doce Música*, pp. 354-358). Assinalou a originalidade e a alta qualidade da sistematização da matéria histórica dos nossos fatos musicais e da evolução da arte da música entre nós, numa ordenação clara dos acontecimentos, assim como numa visão equilibrada e lógica. Vale lembrar que, pouco antes, em 1939, tratando de polêmicas sobre assuntos musicais, Mário de Andrade notara o desinteresse e a pouca informação do escritor brasileiro pelos assuntos das outras artes, principalmente a música (vd. *O Empalhador de Passarinhos*, p. 173). Enfim, surgira um escritor capaz de nos oferecer "o livro base que nos faltava, ponto indispensável de partida para os estudos e ensaios de caráter monográfico, que agora têm onde se estribar" (*Música, Doce Música*, p. 354). A originalidade, como concepção histórica, do livro de Renato Almeida estava em ter dado à nossa música popular importância igual a que deu para a música erudita: "dando à música popular uma atenção idêntica a que deu para a música erudita, nos ofereceu uma visão muito mais profunda, completa e legítima da nossa história musical" (ibd.) Mário de Andrade como que formou o folclorista Renato Almeida; sou tentado a dizer, como que decidiu os novos rumos do escritor. Nesse co-

mentário, que não revela a ação pessoal decisiva — e o poeta foi fecundo formador de personalidades artísticas e intelectuais —, conclui com palavras que Renato Almeida incorporaria depois ao seu conjunto de idéias como espécie de doutrina: o folclore é uma ciência de amor; o folclore humaniza os corações: "Mas eu sei que aqueles que, como eu, se botaram um dia no estudo do povo, mais que amor do folclore, se tomam de um quente amor pelo povo".

E o filósofo se recolhe definitivamente. E o escritor parte para seu aprendizado direto com o povo, realizando logo a primeira pesquisa de campo. Qual? Não sabemos exatamente. Sabemos que, também em 1942, é publicado o primeiro (pelo menos na bibliografia levantada) produto de suas pesquisas de campo: "O Brinquedo da Capoeira", estudo lido a 8 de outubro de 1941 na Sociedade Brasileira de Arqueologia e Etnologia, no qual descreve a capoeira da Bahia, com 4 exemplos musicais no texto. Mário de Andrade a esse tempo à frente do Departamento de Cultura, da Prefeiruta Municipal de São Paulo, facilita-lhe a publicação na "Revista do Arquivo Municipal" (vs. Bibliografia). Logo a seguir, vem a descrição documentada do bumba-meu-boi, versão baiana ("O Bumba-meu-boi de Camassari", vd. Bibliografia), texto reproduzido no volume *Tablado folclórico,* de 1961, pp. 89-122, refundido e ampliado.

A partir de então, Renato Almeida dedicará a sua vida ao estudo e à pesquisa do folclore. Alguns folhetos tratarão de assuntos específicos ("Camargo Guarnieri", biografia resumida do compositor; "Euclides da Cunha e o Itamaraty") e cuidará da reedição, apenas, do "Fausto" (1951), o ser metafísico, mas também, por outro lado, o ser folclórico por excelência. Vale lembrar agora o depoimento pessoal do escritor, reproduzido por Rossini Tavares de Lima, seu biógrafo, no volume *Estudos e Ensaios folclóricos em Homenagem a Renato Almeida* (1960:9-22):

"Assistia na Embaixada da França a uma representação, em que vários artistas da Companhia Barrault e ele mesmo declamaram versos de Rimbaud, Laforgue, Verlaine e Musset e, através da música dos poemas, evocava toda minha mocidade, quando esses mesmos poetas conviviam na minha sensibilidade. Agora, suas vozes me soavam distantes e impregnadas de saudade. Tive remorso de os haver abandonado. E porque os abandonei?

Entrei na Faculdade muito cedo, aos quinze anos, e logo a literatura me interessou apaixonadamente. A literatura e a filosofia, o pensamento e a arte foram os polos em derredor dos quais me movia, com todo o ardor da adolescência. A vida corria despreocupada e nem as agitações da política interna nem as ameaças da guerra européia conseguiram desviar-me de sonhos e evasões. Data de então minha amizade com Ronald de Carvalho.

Mas, bem pouco havia de durar esse ambiente. Em 14, a guerra que nos sacudiu, modificou os meus ideais e um mundo novo e diferente surgiu. Com ele cessaria a liberdade, pelo menos a liberdade do nosso individualismo, em que cada qual se determinava, vivia a seu modo e sempre certo. Depois da guerra, a arte e o pensamento sofrem tremendo impactos e veio o modernismo, campanha na qual me empenhei com o maior vigor. Foi quando senti que era preciso ter um destino, já não mais escolhido ao meu prazer, mas determinado. A hora do escritor desinteressado estava extinta e não tínhamos mais de fazer o que queríamos, porém o que devíamos, ou seríamos marginais.

Foi com alegria, disse Ronald de Carvalho, que redescobrimos, então, o Brasil e nos lançamos a estudá-lo. A filosofia e a crítica pelos seus valores em si, não tinham mais cabimento, era preciso uma diretiva no plano nacional. . . Resolvi estudar o fato musical brasileiro e, por seu intermédio, cheguei a folcmúsica e depois o folclore, que terminou por me absorver, não apenas no seu estudo, mas na ação nacional em defesa

da cultura do nosso povo. E assim me fui pouco a pouco desviando dos caminhos que escolhera na juventude, para seguir outros que me haviam sido traçados. Segui-os com entusiasmo e dedicação, numa atividade que já me vai ficando pesada, mas na qual prossigo com decisão e fé. Mas, não eram estes os meus caminhos. . .

Sou coerente com meu pensamento goetheano, quando afirma que no começo era a ação, mas – vai agora a confissão – não é sem melancoloia que olho as estradas por onde não continuei a andar e, ouço as vozes de Laforgue, Rimbaud e Verlaine como que me acusando de uma traição. Deixei por dever a abstração e me entreguei aos estudos objetivos, no campo da musicologia e da antropologia cultural. Não sei se consegui ser útil, como desejei, mas tenho certeza de que sacrifiquei os sonhos mais ardentes da minha juventude, quando só a sabedoria e a beleza me norteavam".

Ser útil, uma dúvida que Édison Carneiro desfaz no breve e substancioso ensaio "Evolução dos estudos de folclore no Brasil" (RBF, ano 2, nº 3, maio/ago. 1962, pp. 47-63), quando destaca o papel aglutinador de Renato Almeida à frente da Comissão Nacional de Folclore. Se é verdade que coube a Luís da Câmara Cascudo criar, em 1941, em Natal, a Sociedade Brasileira de Folclore, a primeira associação dedicada ao estudo das coisas populares (Mário de Andrade tentara algo semelhante em S. Paulo), a Renato Almeida se credita o impulso dos trabalhos da Comissão Nacional de Folclore, instalada em 1947, por Levi Carneiro, então presidente do IBECC, na Biblioteca do Palácio do Itamaraty. Num documento de avaliação das atividades da Comissão nos seus primeiros 20 anos de existência (divulgado na RBF ano 7, nº 1z, set./dez. 1967, pp. 230-238), Renato Almeida presta conta de suas realizações, suas lutas e dificuldades; o documento equivale a uma página de seu próprio currículo, talvez a mais rica e a mais exaustiva. A esta altura, além de ainda presidir o IBECC, pois foi sucessor imediato de Levi Carneiro, acumulava as funções de diretor-executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, cargo em que sucedeu a Edison Carneiro e no qual se manteria até 1974.

O trabalho aglutinador de Renato Almeida manifestou-se bastante fecundo na série de "Semanas" e "Congressos" promovidos pelo IBECC-CNF. Já em 1948 realizava-se, no Rio de Janeiro, a 1ª Semana Nacional de Folclore; a 2a teve lugar em São Paulo (1949) e a 3ª em Porto Alegre (1950). A série foi interrompida em 1951 para dar lugar ao 1º Congresso Brasileiro de Folclore. Em 1952 realizou-se a última Semana, em Maceió. Daí por diante, diz Edison Carneiro, "os Congressos constituíram a forma preferida pela Comissão para espevitar o entusiasmo dos folcloristas". Um segundo realizou-se em Curitiba, em 1953; o terceiro, na Bahia, em 1957; o 4º em Porto Alegre, em 1959; o 5º em Fortaleza, em 1963 e, por fim, o 6º em Brasília, em 1974. No intervalo entre o segundo e o terceiro Congresso, a Comissão Nacional de Folclore promoveu, em São Paulo (1954), o Congresso Internacional de Folclore.

À frente desses eventos, Renato Almeida assumiu a liderança do movimento folclórico no Brasil, principal mentor na organização das Comissões Estaduais, fazendo pesquisas de campo, escrevendo e publicando inúmeros artigos e, principalmente, sistematizando, entre nós, a teoria do Folclore. Se, em 1942 dera-nos o mais importante livro da musicologia brasileira, trabalho que o desviou definitivamente para o campo do folclore, em 1957 deu-nos o mais importante livro teórico, *A Inteligência do Folclore*. Em 1961 publicou o *Tablado Folclórico*, que reúne ensaios ligados pela classe dos folguedos tradicionais. Em 1965 brindou-nos com o *Manual de Coleta Folclórica* e, completando 70 anos de idade, no 6 de dezembro, lançou nas páginas da "Revista Brasileira de Folclore" (ano 5, nº 13, set./dez. 1975), a "Mensagem aos jovens folcloristas do Brasil" – "aos quais, dizia completando o primeiro parágrafo, devo o estímulo de

seus aplausos, a confiança de suas afeições, a alegria dos seus triunfos".

A carta tem quase o sentido de "entrega de bastão" de comando, como num rito de passagem, dizendo que legava aos jovens companheiros que "surgem para conquistar seu lugar ao sol" a experiência de uma vida "em grande parte consagrada ao estudo e à defesa do nosso folclore."

Associando-me, desde 1957, à convivência de Renato Almeida, estreitada a partir de 1964, na direção e manutenção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, não é possível recordá-lo e homenageá-lo sem a lembrança de fatos pessoais, pelos anos de convivência e de trabalho conjunto e, principalmente, pelo esforço de se manter, na estrutura do Ministério da Educação e Cultura, o primo-pobre da Cultura, que era a antiga Campanha. Coube-me organizar o texto de seu último livro, apresentá-lo nas simples "orelhas" e sugerir-lhe o título: "Vivência e Projeção do Folclore" (1971). A obra reúne 14 estudos sobre diferentes temas do folclore e mais a "Mensagem aos jovens folcloristas do Brasil". Pouco depois, recolhia-se ele para cumprir a difícil tarefa de viver o seu ócio com dignidade.

Vicente Salles
Folclorista – Brasília

RENATO ALMEIDA – O ESCRITOR E FOLCLORISTA

Em 1942 é o que conheci pessoalmente Renato Almeida, apresentado pelo saudoso amigo e confrade Prof. Artur Ramos que, assumindo a cátedra de Antropologia e Etnografia da então Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, e com seu amor e dedicação ao estudo e ao trabalho resolvera fundar no prédio do Largo do Machado, onde então funcionava a Escola de Filosofia, uma Sociedade de Antropologia e Etnografia, de âmbito muito largo, como era seu pensamento, aberta não só aos que estudavam o índio, o negro, mas também aos estudiosos de folclore, entre os quais ele também se encontrava. Sócio correspondente desde 1941, calhou encontrar-me no Rio por ocasião de uma das sessões da Sociedade de lá. O salão ou auditório cheio , sob a presidência de Artur Ramos, ouvimos comunicações tanto sobre a velha Etnologia quanto sobre o Folclore. Após a concorridíssima sessão, Artur Ramos, já na saída do prédio, que vinha conversando com Joaquim Ribeiro e Renato Almeida, teve a gentileza de apresentar o folclorista provinciano aos dois grandes mestres do folclore brasileiro.

Residindo em Maceió e só de quando em vez indo ao Rio, não tinha oportunidade de cultivar aquele amigo a quem já admirava, apresentado por outro coestaduano e companheiro da Faculdade de Medicina.

Instalada a 19/12/1947 a Comissão Nacional de Folclore, proposta por Renato Almeida e que o IBECC aceitou e incentivou, confiando-lhe a direção, fui, talvez por insinuação de Diégues Júnior, a ele indicado para, na qualidade de secretário-geral, fundar a Comissão Alagoana de Folclore e congregar os velhos e novos folcloristas, dispersos e sem nada e ninguém a entusiasmá-los.

Em abril de 1948, aceitando e agradecendo o convite de Renato Almeida, comecei a conviver e a melhor apreciar aquele que começava a realizar o sonho de reunir os folcloristas brasileiros.

Não cabe relembrar tudo o que fez e quanto realizou. Cumpriu a profecia de Levi Carneiro no I Congresso Brasileiro de Folclore: "Os êxitos obtidos pela nossa Comissão de Folclore se devem, em grande parte, à competência e dedicação dos mem-

bros dessas Comissões e de quem as criou e tem sabido coordenar, com inteligência e tato inexcedíveis, o Secretário Geral Adjunto – Senhor Renato Almeida."

A Comissão Nacional de Folclore, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, os folcloristas e o estudo de folclore no Brasil viveram pela ação mágica desse homem que não sairá da história, pois, embora tenha sua obra continuado no Instituto Nacional do Folclore, fez os maiores malabarismos para que no Brasil se desse a devida importância ao folclore, quer como fato cultural, quer como disciplina de estudo e pesquisa.

Não serei exagerado, nem desfaço dos discípulos que criou e o acompanharam, mas, falar em folclore nos meados do século no Brasil é relembrar a figura ímpar que foi Renato Almeida. Além da obra erudita e segura, deixou, sobretudo, em nossos corações, o seu exemplo de fé, trabalho, carinho e amizade.

Cleo Brandão
Folclorista - Sergipe

RENATO ALMEIDA

Conheci Renato Almeida por ocasião da instalação da III Semana Nacional de Folclore, realizado em Porto Alegre, em agosto de 1950.

De estrutura baixa, de ser agitado e com um falar característico de nordestino cativou, ele, a simpatia de todos nós, gaúchos, que logo o chamamos, carinhosamente de Renatinho.

De muito sabíamos ser Renato um lutador e um renovador por sua atuação na "Semana da Arte Moderna" Brasileira.

Agora, em nosso pagos, associava-se aos gaúchos para mais uma revolução, não aos moldes tão habituais da gente pampeana, caracterizado pelos entreveros no alto das coxilhas, mas para uma renovação de idéias e uma conscientização dos valores, dos fatos culturais ligados à vivência de nossos pagos.

Era a bandeira de integração da cultura popular brasileira que Renato nos trazia, como Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore por intermédio do Prof. Dante de Laytano, representante desse Órgão em nosso Estado.

A palavra de Renato, cheia de idealismo, de ensinamentos, de conselhos influiu profundamente para que, o rapazote de 21 anos, que eu era, se inflamasse para lançar-se definitivamente no campo da pesquisa folclórica. Na ocasião, tive a coragem e aos mesmo tempo a honra de apresentar, ao ilustre visitante e sua comitiva composta de folcloristas brasileiros, o primeiro fruto de minhas pesquisas – a dança do Pézinho – até então, não registrada no folclore coreográfico do Rio Grande do Sul.

A partir daí as obras de Renato Almeida foram para mim como um missal de cabeceira, onde busquei orientação para o meu trabalho.

Seus esforços em busca da sistematização das pesquisas folclóricas, seu incentivo aos estudos da cultura popular brasileira, sua preocupação, não só cientifica mas de valorização da "maneira de pensar, sentir e agir" de nosso povo, fizeram de Renato a figura catalizadora do folclore nacional. Seu dinamismo propiciou a união de inúmeros folcloristas que isoladamente desenvolviam suas pesquisas. Tanto os mais experimentados, como os iniciantes abeberaram-se dos conhecimentos e da experiência deste ilustre brasileiro que destacou-se tanto, no campo dos estudos folclóricos, como na Crítica Literária, no Jornalismo, nas atividades diplomáticas e como Ensaísta.

Mestre Renato Almeida, saiba que continuará conosco a cada momento em que se falar em Cultura Popular Brasileira e que a "sua" Comissão Nacional de Folclore, através do Instituto Nacional de Folclore há de continuar sua obra dignificando sua memória.

J. C. Paixão Côrtes
Folclorista – Rio Grande do Sul

LOUVAÇÃO A RENATO ALMEIDA

Numa expressão de amizade e afinidade mútua entre música e folclore, presto minha homenagem a Renato Almeida, o polígrafo, homem notável que, com total abnegação, liderou o movimento de caráter nacional, dando nova dimensão aos estudos da Ciência Folclórica.

Não cabe neste depoimento citar suas ocupações sucessivas, porém divulgar com orgulho e autenticidade, como a música, herança materna e paixão desde adolescente, o levou a um rumo novo e deslumbrante em sua vida.

Com a Semana de Arte Moderna aumenta em Renato Almeida a necessidade de criar qualquer coisa "nacionalista" e, tratando-se de arte brasileira, fatalmente seria moderna.

Dedicou-se, então, à pesquisa e ao estudo da música brasileira, de onde vem sua magnífica obra *História da Música Brasileira*.

O modernismo muda o rumo de sua vida cultural, levando-o ao reencontro com o folclore de forma definitiva e apaixonante.

A propósito, lembro-me de uma entrevista-depoimento no Museu da Imagem e do Som, que tive a honra de coordenar, onde Renato Almeida confessa o folclore ter-se tornado sua paixão por ter acontecido na velhice, e acrescenta: "O folclore foi a minha paixão de velho. . ." – E paixão de velho, já dizia Tácito, é tirânica!

Cada vez mais envolvido e atraído pelo estudo da música folclórica, conclui que somente através do profundo conhecimento do povo, o estudo de sua vida, suas raízes e suas projeções é que se pode definir o homem em sua total plenitude.

Nessa luta constante, Renato Almeida, favorecido pela sua bagagem cultural e prestígio pessoal, alcança, com êxito total, o auge de suas idealizações, culminando com a fundação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (hoje Instituto Nacional do Folclore), órgão que mantém as importantes funções de pesquisa, documentação e divulgação do nosso folclore.

Um presente-testemunho de sua verdadeira paixão: o folclore, que assim como o próprio Renato Almeida, jamais desaparecerá, mas sim, se transformará e se divulgará através da memória do povo brasileiro.

Aloysio de Alencar Pinto
Compositor

RENATO ALMEIDA

Conheci Renato Almeida em 1952, por ocasião da realização do I Congresso Brasileiro de Folclore no Rio de Janeiro.

Foi aí que pude apreciar a personalidade multiforme de Renato Almeida e sua inusitada dedicação ao folclore brasileiro.

Atendendo a todos sem descanso, afável, acolhedor, enérgico, comandou com uma pequena equipe esse Congresso de Folclore que se tornou um marco memorável na cultura brasileira.

A partir desse certame, vitorioso em toda a linha com a edição da *Carta do Folclore Brasileiro,* houve um despertar de consciência para os estudos da cultura folc-brasileira, dando surgimento a uma opulenta bibliografia, com centenas de estudos e monografias, artigos em jornais e revistas versando temas do nosso folclore, sem embargo, é verdade, de uma produção amadorística que floresceu paralela a tais estudos. Aliás, o inevitável em tais casos, pois a consciência nacional se voltara, com o impacto do I Congresso de Folclore, para o estudo dos muitos segmentos das origens brasileiras e seus conflitos aculturativos.

Amigo e discípulo de Graça Aranha, Renato Almeida herdou do mestre maranhense o gosto de viver bem, um profundo sentimento de fruição da vida, com um indisfarçável tom epicurístico.

Pôde realizar, assim, uma obra séria, construida em sua maior parte numa vivência sabida e sentida das coisas brasileiras. Sua "História da Música Brasileira" continua um pequeno marco, pioneira a muitos respeitos.

E os esforços que dispendeu na direção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em estreita cooperação com as Comissões Estaduais de Folclore, o tornariam eterno credor da cultura nacional.

Para mim o retrato de Renato Almeida será sempre o daquele homem jovial, bem vivido, culto, sensível e dinâmico que carreava uma extraordinária energia e um férvido entusiasmo quando traçava as linhas do programa de pesquisa e interpretação do folclore brasileiro.

Domingos Vieira Filho
Folclorista — Maranhão

DE LUTO O FOLCLORE

Ligado a Renato Almeida por grande amizade, desde quando o trouxemos a Juiz de Fora para a sua memorável conferência sobre a *Ciência do Folclore* (1963), conseguimos dar início, aqui na região, a um movimento que, hoje, é uma realidade incontestável, promoção do Departamento de Folclore do Centro de Estudos Sociológicos, da UFJF, criado em 1963.

Da magnífica contribuição do grande Mestre, realizando no mesmo ano um curso intensivo, resultou a tomada de consciência, em Juiz de Fora, do valor e da necessidade dos estudos folclóricos, agora difundidos e participados em circunstâncias várias. Em diversas oportunidades voltou ao nosso meio, trazendo às Jornadas Sociológicas e às Semanas Juizforanas de Folclore a sua grande colaboração.

O que sempre foi motivo de admiração na figura do saudoso Mestre e amigo era a sua capacidade de ser ou estar presente. Mesmo em silêncio impunha-se à admiração de todos porque sua fisionomia transfundia a mensagem de sua inserção no contexto cultural de seu povo e o entusiasmo de que estava sempre possuído na transmissão de suas experiências e de seus conhecimentos.

Escritor de altos méritos, com linguagem escorreita e penetrante, dotado de peculiar sensibilidade sobretudo relativamente à música, pesquisador emérito, professor admirado pelos seus discípulos, muitos dos quais voltados hoje para a sua linha de estudos, brasileiro na acepção da palavra, deixa Renato Almeida um nome a ser reverenciado pelas gerações novas, que encontrarão em sua obra os fundamentos indispensáveis às novas projeções no campo do Folclore e da Cultura.

Wilson de Lima Bastos
Juiz de Fora — Folclorista

RENATO ALMEIDA

Meus primeiros contatos com o doutor Renato Almeida verificaram-se através a leitura do seu livro *Fausto* e pelas notícias muito divulgadas na época quando tomou parte na revolução literária de 1922 ao lado de Mário de Andrade. Mais tarde, em 1950, indo ao Rio, tive oportunidade de aproximar-me dele. Naquele ano eu andava realizando pesquisas sobre folclore de rua e cheguei a publicar muita coisa curiosa nos jornais de Manaus. Nosso encontro mais proveitoso certamente foi quando da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore no Rio de Janeiro. Aquele Congresso serviu para por a descoberto uma grande quantidade de vocações e também para mostrar a maneira como os eternos aproveitadores de situações se dão ao topete de minimizar a seriedade da ciência. Renato Almeida era então o ídolo da juventude estudiosa do Folclore ciência e a todos prestava boas informações porquanto ele próprio, além de ser um grande teórico (digamos o maior teórico que já possuímos em Folclore), era dedicado pesquisador. Muitas criaturas que engatinhavam ainda na área folclórica e se sentiam intimidadas diante da fabulosa cultura do Ministro Renato Almeida, acabavam reconhecendo a sua melhor capacidade para fazer prosélitos, a sua simpatia que não era apenas protocolar nem diplomática mas natural, um apanágio admirável. Suas obras, desde a volumosa *História da Música Brasileira* são repositórios de sérias informações, subsídios que ninguém hoje, nem nos países estrangeiros, recusa aceitar como atualizadas. Claro que uma ciência tão abrangente como o Folclore não pode deixar de possuir suas hipóteses reformuladas, mas a obra magistral de Renato Almeida perdurará porque resulta de uma verdadeira vocação para a memória do povo. Senti sua morte como a de um Mestre a quem muito respeitei e de quem aprendi muitas lições.

Mário Ypiranga Monteiro
Folclorista — Amazonas

RENATO ALMEIDA

Ao passar quase 20 anos de minha vida dedicados à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, acompanhei sua trajetória do nascimento à emancipação. Durante este período, tive a grata oportunidade de conviver com Renato Almeida, por 10 anos.

Renato Almeida, jovem senhor, dono de uma vitalidade e jovialidade invejáveis, buscou para o Folclore, por mais de quatro décadas, a partir da "descoberta" da música folclórica e posteriormente da criação da Comissão Nacional de Folclore e direção da

CDFB, a sua sedimentação como ciência, não se deixando nunca abater pelos percalços existentes em sua gestão. Lutou bravamente pelo grande amor de sua vida e a transformação do órgão em Instituto Nacional de Folclore foi a concretização do seu ideal.

Arminda Camargo

HOMENAGEM

Dr. Renato Almeida — Chefe e Amigo — nestas duas feições é que vou lembrá-lo com o carinho e o speito que me infundiram sua personalidade, tão conhecida neste rincão, como em todo quadrante do mundo inteiro.

Vi seu esforço na realização de um ideal — o de dar ao povo humilde — a oportunidade de exibir sua arte folclórica. Assim ele criou a Comissão Nacional de Folclore do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC).

Não foi fácil, mas eu assisti, na minha modéstia, o desempenho de tal tarefa e para não desapontá-lo, tal era a sua energia e devoção pela causa do Folclore brasileiro, que, quando me apercebi estava impregnada do mesmo interesse.

Chefe e conhecedor profundo do assunto e — eu — na execução dos trabalhos que, sob sua direção, fazia-o com amor.

A meio desse esforço todo pôde ele criar Comissões de Folclore em todos os Estados do Brasil, Comissões com o mesmo objetivo, convidando para Secretariá-las figuras de renomado valor.

Foram anos de tenaz trabalho, sem contudo prejudicar as chefias dos Serviços do Itamaraty.

Sempre atento aos interesses do desenvolvimento e conhecimento profundo da Arte Popular, organizou Congressos sendo o 1º no Rio de Janeiro, seguidos por outros mais, tais como em S. Paulo, Bahia, Paraná, Porto Alegre, além de uma Exposição de trabalhos de arte folclórica, no antigo Palácio do Catete, com a presença de delegações estrangeiras, todos com absoluto êxito.

Chegou, afinal, o momento de sua Aposentadoria ele preocupado com o acervo da Comissão que era precioso, resolveu passar aos cuidados do Ministério da Educação, órgão capaz de continuar a sua obra que, nesta altura, já pertencia ao povo — não mais a Comissão Nacional de Folclore. — Hoje Defesa do Folclore Brasileiro.

— Como Amigo — guardo na lembrança o seu cavalheirismo e a compreensão que sempre dispensou aos seus colaboradores fazendo assim por merecer a estima e admiração de todos os que com ele privaram.

Lembro-me, com saudades, os nossos dezessete anos de serviço em pról de uma arte a que ele deu de si o melhor.

Iracema de Lobo Bethlem

TEVE AÇÃO PIONEIRA NA PESQUISA E GUARDA DO FOLCLORE NACIONAL

Faleceu, anteontem, no Rio de Janeiro, o escritor Renato Almeida, um dos últimos remanescentes do Movimento Mc ^a, que tanta repercussão teve na literatura brasileira.

Baiano, natural de Santo Antônio de Jesus, radicou-se, ainda muito jovem, na antiga capital da República, onde se diplomou pela Faculdade Nacional de Direito, dedicando-se às atividades literárias, nas quais se destacou como folclorista, escritor, jornalista, professor e musicólogo, integrando-se, ao lado de Ronald de Carvalho e outros, no Movimento Modernista, inspirado por Mário de Andrade e seus companheiros em São Paulo.

Renato Almeida faleceu aos 86 anos, deixando viúva a Sra. Urânia Rodrigues Almeida, de cujo consórcio teve duas filhas, Dra. Uranita Almeida Vianna, casada com o advogado Francisco Vianna, e Sra. Lourdes Almeida Müller, viúva do embaixador Lauro Müller Neto.

Vida

Renato Almeida nasceu em Santo Antônio de Jesus, neste estado, a 6 de dezembro de 1895. Formando-se em Ciências Jurídicas e Sociais, no Rio de Janeiro, para onde se transferiu ainda muito jovem. Ingressou no Ministério das Relações Exteriores em 1927, exercendo as funções de chefe dos Serviços de Imprensa e Documentação e Arquivo. Teve várias comissões no Itamaraty e no exterior, dentre estas se destacando as seguintes: chefia do serviço de Imprensa da comitiva do presidente Getúlio Vargas, na visita ao Prata; delegado do XIV Congresso de História da Arte, na Suíça; delegado do Ministério das Relações Exteriores, na comissão encarregada de redigir o anteprojeto da Convenção Universal de Direitos Literários e Artísticos, em 1935; representante do Brasil no XIV Congresso Internacional de História da Arte, realizado em Berna, em 1936; colaborador temporário aos trabalhos da XVII Sessão da Assembléia e da XXII Sessão do Conselho da Liga das Nações, em Genebra, em 1936; chefe da Missão Cultural ao Uruguai, quando realizou um curso sobre Música Brasileira na Universidade de Montevidéu, em 1939, e ao Chile, em 1945, etc. Visitou vários países em missão cultural, tendo estado na França, nos Estados Unidos, no Chile e na Alemanha a convite dos governos dos respectivos países. Aposentou-se no Ministério das Relações Exteriores, em 1961.

Folclorista, fez um trabalho pioneiro no Brasil, na pesquisa e preservação do nosso patrimônio folclórico, hoje, alargado em vários setores. Fundou, inicialmente, a Comissão Nacional de Folclore, no Instituto de Educação, Ciência e Cultura, em 1948, organizando depois as Comissões Estaduais de Folclore. Foi presidente da Campanha Nacional de Defesa do Folclore Brasileiro.

Por deliberação do Congresso Internacional de São Paulo, de 1954, foi editado um livro para comemorar os seus 60 anos — *Ensaios e Estudos Folclóricos em Homenagem a Renato Almeida* —, com a colaboração de folcloristas estrangeiros e nacionais.

Foi presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, órgão da Unesco, no período de 1965 a 1973.

Estreou na literatura em 1917, com o livro *Em Relevo*, ensaios de crítica literária. Em 1922, tomou parte da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, e que foi o início do movimento renovador da espiritualidade brasileira. Nesse ano, publicou *Fausto* (Ensaio sobre o Problema do Ser). Além de dirigir revistas e jornais de grande atuação na campanha modernista, no Brasil, se dedicou à música, escrevendo um livro que se tornou básico e indispensável ao estudioso da nossa formação: *História da Música Brasileira*, caminho pelo qual aportou à música do povo e marcou sua entrada no Folclore. Formam ainda sua bibliografia: *A Formação Moderna do Brasil* (1923);

Velocidade (1932); *Carlos Gomes* (1936); *Figuras e Planos* (1936); *A Liga das Nações* (1938); *Compêndio da História da Música Brasileira* (1948-1958); *A América e o Nacionalismo Musical* (1948); *Euclides da Cunha e o Itamaraty* (1955); *Sobrevivências Totêmicas nas Danças Dramáticas Brasileiras*, Lima (1956); *Inteligência do Folclore* (1957); *Graça Aranha*, na Coleção de "Nossos Clássicos" (1958); *O Folclore na Poesia e na Simbólica do Direito*, Miami (1961); *Manual de Coleta Folclórica* (1965).

Recebeu o Prêmio Paula Brito da Municipalidade do Rio de Janeiro, em 1957. Era cidadão honorário da cidade do Rio de Janeiro.

A Tarde — Salvador, Bahia
27-1-81

RENATO ALMEIDA DEDICOU TODA A VIDA AO FOLCLORE

Advogado, educador e autor de diversos livros sobre a cultura brasileira, faleceu no último domingo, no Rio de Janeiro, Renato Almeida, filho de tradicional família de Santo Antônio de Jesus. Residente desde criança no Rio, Renato Almeida ali fez o curso de Humanidades, vindo mais tarde a diplomar-se pela Faculdade de Direito, após o que teve participação, no início da década de vinte, no Movimento Modernista, liderado por Mário de Andrade.

Nessa época, convivendo com Ronald de Carvalho e outros escritores publicou as obras "Fausto", "Figuras e Planos" e "Velocidade". Como educador, sua atuação centrou-se principalmente no Liceu Francês, onde foi durante muitos anos diretor, e na Academia Lourenço Fernandes. A partir dessas experiências, exerceu por longo período o cargo de diretor do Serviço de Informações do Itamaraty.

Também foi secretário da Comissão Nacional de Folclore, quando publicou obras especializadas como "História da Música Brasileira", "Interpretação do Folclore", "Manual do Folclore", participando ainda de vários congressos nacionais e Internacionais sobre esse tema.

Tribuna da Bahia
27-1-81

RENATO ALMEIDA, PERDA PARA O FOLCLORE NACIONAL

Com a morte de Renato Almeida, domingo, aos 85 anos, no Rio de Janeiro, perdem os estudos do folclore no Brasil uma de suas figuras mais representativas. Nascido em Santo Antônio de Jesus, Bahia, aos 6 de dezembro de 1895, fez toda sua carreira no Rio de Janeiro, onde se formou em Direito aos 20 anos e estreou nas letras aos 21 anos, com um volume de crônicas: *Em Relevo*.

Militando na imprensa ao lado de Ronald de Carvalho, pertenceu à geração modernista da qual se diz que literariamente descobriu o Brasil, participando do movimento renovador liderado na então Capital da República por Graça Aranha. Data também do modernismo a sua amizade com Mário de Andrade. Funcionário do Itamaraty, foi redator dos Anais e chefe do Serviço de Documentação de nossa chancelaria.

A sua predileção pela música, expressa na *História da Música Brasileira* (1ª edição, 1926), o levou a aprofundar-se nos estudos brasileiros. Daí ao folclore foi apenas um

passo. Com a fundação da Unesco, veio a ser um dos criadores do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), filiado àquele órgão internacional. Nele criou a Comissão Nacional de Folclore, mais tarde Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, hoje Instituto Nacional do Folclore.

Ao lado de Edison Carneiro, imprimiu dinamismo às atividades da Comissão e da Campanha, projetando-as nacional e internacionalmente. Dirigiu a *Revista Brasileira de Folclore* e trouxe decisiva contribuição à fundação do Museu de Artes e Técnicas Populares, no Ibirapuera. Ao lado das citadas, Renato Almeida deixa uma dezena de obras, entre elas *Inteligência do Folclore, Vivência e Projeção do Folclore* e *Euclides da Cunha e o Itamaraty*. Fundador e titular da cadeira nº 50 da Academia Brasileira de Música, escolheu para patrono Mário de Andrade, mostrando assim sua fidelidade às raízes autóctones do movimento modernista.

O Estado de São Paulo — H. D.
28-1-81

MISSA PELO FOLCLORISTA RENATO ALMEIDA

Será celebrada hoje, às 10 horas, na matriz de São João Batista, à Rua Voluntários da Pátria 287, na Lagoa, a missa de sétimo dia do escritor, folclorista e musicólogo Renato Almeida, falecido dia 24 último, aos 85 anos.

Autor de livros sobre folclore, música e de crítica literária — entre os quais a "História da Música Brasileira", já esgotado e obra de consulta obrigatória para estudiosos da música brasileira —, Renato Almeida nasceu em Santo Antônio de Jesus, na Bahia, em 6 de dezembro de 1895, tendo ocupado importantes cargos, entre os quais o de presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, órgão da Unesco no Brasil, e o de presidente da Comissão Nacional de Folclore do mesmo instituto.

Renato Almeida foi também diretor-executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do MEC, e professor de Folclore do Conservatório Brasileiro de Música e da Academia de Música Lorenzo Fernandez. Ingressou no Ministério das Relações Exteriores em 1927, chefiando o Serviço de Imprensa e depois o de Documentação, e participou de várias missões culturais ao exterior.

Em 1917 estreou como escritor com um ensaio de crítica literária, "Em relevo", tomando parte, em 1922, da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, quando publicou "Fausto" ensaio sobre o problema do ser. Escreveu ainda os seguintes trabalhos: "A formação musical do Brasil", "Velocidade", "Carlos Gomés", "Figuras e planos", "A Liga das Nações", "América e o nacionalismo musical", "Euclides da Cunha e o Itamaraty", "Sobrevivência totêmica nas danças dramáticas brasileiras", "Inteligência do folclore", "Graça Aranha", "O folclore na poesia e na simbólica do Direito", "Tablado folclórico" e "Manual da coleta folclórica".

Presidiu, entre outros, o 1º Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, no Rio de Janeiro. Por deliberação do Congresso Internacional de São Paulo, em 1954, foi homenageado com um livro comemorativo de seus 60 anos: "Ensaios e estudos em homenagem a Renato Almeida", com a colaboração de folcloristas brasileiros e internacionais.

O Globo
30-1-81

UM MESTRE DOS ESTUDOS FOLCLÓRICOS

Com o desaparecimento de Renato Almeida, que acaba de morrer no Rio aos 86 anos de idade, o Brasil perde um dos maiores estudiosos do seu folclore. Além de ter escrito uma obra bastante extensa sobre teoria, metodologia de pesquisa, música e reflexão acerca da cultura popular, Renato Almeida, que nasceu na Bahia em 1995, foi o incentivador, a partir de 1947, das comissões de folclore, a nacional e as estaduais. Dessas comissões acabou por nascer a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, recentemente transformada em Instituto Nacional do Folclore.

Além de numerosos artigos e ensaios em revistas nacionais e estrangeiras, Renato Almeida foi autor de vários livros importantes para a compreensão e o estudo de nossa cultura popular. Em *História da Música Brasileira* apresentou uma sistematização de nossa música, considerada por Mário de Andrade equilibrada e lógica. *Inteligência do Folclore* é uma obra de doutrina; nela o autor faz um balanço das diversas teorias sobre o folclore, para em seguida interpretá-las. *Manual de Coleta Folclórica* é obra destinada a ajudar o trabalho de pessoas interessadas em cultura popular mas não especializadas. *Tablado Folclórico* são estudos sobre a dinâmica do folclore. *Vivência e Projeção do Folclore*, painel sobre a análise do fenômeno folclórico, com ênfase nas suas finalidades e diversos níveis de aproveitamento.

Jornal do Brasil
4-2-81

LEMBRANÇA DE RENATO ALMEIDA

Há poucos dias eu me perguntava: como irá o Renatinho? Já há tanto tempo ele ia tão mal. Terá morrido e eu não soube? Hoje leio no jornal o convite para sua missa de 7º dia. Aí estava a resposta. (Não temam meus amigos que eu pense neles, porque isso que se passou não costuma acontecer). Renatinho era baixinho, muito vivo, simpático, inteligente e por isso, a princípio por irreverência, depois por ternura, assim o chamávamos com este íntimo diminutivo, os que o conheciam desde nossa tenra infância como professor e como Diretor brasileiro do "Lycée Français" desde a década de 20 para 30. O colégio desde 1915 tinha como diretor o Prof. Brigole, conhecido como admirável educador que falava francês com sotaque de brasileiro e português com leve sotaque de francês que era, pois de tanto amar as duas pátrias já não sabia bem que língua falava. Conheci-o no meu primeiro ano de Liceu, aos meus sete anos. No ano seguinte, soube de uma confusão que houvera: Brigole não estava mais; o colégio teria dois diretores, um Francês de nome Le Forestier, que logo identifiquei, corpo erecto, andar e olhar severos, um olho meio fechado e um dedo da mão cortado ao meio. Dizia-se que tinha alguma coisa a ver com a guerra (de 14 é claro). Homem bom, de pouca conversa, dava-nos avisos em francês, ao colégio todo, formado, não chegando talvez a 200 alunos — e nos fazia cantar, dia sim dia não, a Marselheza. Quanto ao diretor brasileiro, o Dr. Renato, desconfiava que fosse aquele baixinho, rapidinho, que dava uns avisos também, sempre referindo-se respeitosamente ao Prof. Le Forestier. Uma tarde, estava eu mais ou menos sozinho no pátio do colégio. Terminaram as aulas e eu esperava a copeira lá de casa que vinha me buscar, pois um menino de 8 anos não podia atravessar sozinho a Rua das Laranjeiras e pegar o "Águas Férreas". Percebi que o baixinho dirigia-se para o meu lado, disfarcei, abaixei a cabeça, não gratuitamente,

mas desamarrando e amarrando o sapato. Foi quando o mestre me abordou e me perguntou de sopetão: Você sabe quem eu sou? Filho de mineiros, respondi, tímido. Não senhor. — Pois eu sou o diretor do colégio. — Ah! E a conversa acabou por aí pois a copeira chegou. — Aquela cena não me impressionou muito bem; só mais tarde comecei a compreender o Renatinho. Ele queria aproximação, comunicação, amizade. Comecei a respeitá-lo infantilmente quando em casa me disseram: este Dr. Renato é um literato, escreve em jornais, tem livros publicados e é amigo de escritores, até do Ronald de Carvalho. Mais tarde soube que escreveu "Velocidade. . ." uns ensaios sobre o "mundo de hoje", uma História da Música e o seu forte era "folclore" que passei muito tempo sem saber direito o que significava e muito menos o que tinha o Renatinho a ver com isso. No entanto, era ele o Papa desse negócio no Brasil. Como diretor, Renatinho saía-se bem: Forestier era o severo; ele também o era, mas só nos grandes momentos. O que ele gostava mesmo era de ser amigo. Parava diante de você no recreio, bem de frente, punha a mão no seu ombro e ficava fixo em você com um leve sorriso, até que você lhe olhasse nos olhos e então um diálogo mudo se tratava: Você não sabe o que eu estou pensando de você. — Nem você o que eu estou pensando de você. E assim se separavam mais confiantes aquele mestre amigo e aquele aluninho à princípio um pouco mais baixo que o diretor; logo, da sua altura e rapidamente, com o perpassar dos anos, quilômetros acima dele. Era elegante, fino e espirituoso. Dizia-se que era chefe do serviço de imprensa do Itamarati. Depois de uma hora da tarde, sabia-se que ele ia para o Itamarati. E era uma glória. Fumava charuto — era baiano — e um cigarro sofisticado — 2 mil réis a caixa, com papel dourado — e que se chamava "Pour la noblesse". É inútil dizer que foi o primeiro cigarro que comprei dos poucos que fumei na vida.

Dr. Renato foi nosso professor de português. Obrigava-nos a muitas redações e leituras em público. Era modernista e falava muito de Graça Aranha e de "meu amigo Ronald", motivo de gozação em cima de Fernando, filho de Ronald, nosso colega e, para não dizer mau aluno, dizia-se distraído. Toda aula tinha Camões. Pegávamos os Luzíadas e tínhamos que saber o que cada frase enrolada daquelas tinha a ver uma com a outra e o que as palavras das ditas frases estavam fazendo todas ali fora dos lugares. Dr. Renato sempre inculcou o maior respeito da maioria masculina para com as moças, nossas colegas: "São suas irmãs". Com isso, versos mais ousados. . ." "as filhas de Nereu nuas na praia" nunca eram analisados.

Renatinho foi também nosso professor de Filosofia, no último ano do colégio, em 1932, quando com 15 anos, estava eu no limiar da Faculdade. O que aprendi não sei. Só que cada um tinha seu tijolo em francês, o *Psychologie et Métaphysique* de Felicien Challaye e aquilo era chamado *Manuel du Baccalauréat* o que nos provocava, numa atitude de disfaçado orgulho, um ar *blasé*. Assim nos eram explicados aqueles capítulos clássicos. Até que um dia resolveu o mestre soltar uma bomba em plena aula e anunciou: "Vamos estudar Freud". Os garotões do Largo do Machado, do Flamengo e Laranjeiras se cutucaram no maior silêncio, olharam para as meninas e pensaram: agora é que elas vão ver como são as coisas. Elas, sem sequer enrubescer, superiores, inabordáveis — tinham sempre as melhores notas da turma — aguardaram tranqüilas o que desse e viesse. O que pode ter ficado de Freud dentro de mim, não me lembro nem garanto nada. Sei sim, que pela primeira vez na vida, me vi mais de uma hora fazendo desenhos circulares num papel, pensando mesmo no que eu queria dizer num trabalho do qual também nada me lembro e que se intitulava: *Papel da consciência no instinto*, onde havia uma expressão considerada muito feliz: "Os movimentos franjais da consciência". . . Não me lembro de mais nada e não ser algo inesquecível e que talvez todos

os alunos já tenham esquecido. Renatinho anunciou o tema Freud, declarou que todos teriam a liberdade de assumir ali a posição crítica que quisessem, mas que ele, para começar, se declarava católico e acreditava em Deus. Aquela frase, para mim, como conteúdo, não significava nada, pois sequer podia suspeitar que Freud pudesse ter alguma coisa a ver com a missa do domingo, nem eu tinha maiores vinculações com o catolicismo e muito menos com um catolicismo assim militante e proclamado num colégio leigo. Foi contudo, uma atitude de superioridade e de nitidez de caráter que guardei para sempre.

Poucas vezes mais vi mestre Renato Almeida. Para ser mais exato, nenhuma vez mais o vi a não ser, há poucos anos, em festas comemorativas de aniversários do "Franco", como agora chamam nosso antigo Lycée Français. Nessas vezes, era comovente vê-lo já bem velhinho, a abraçar-nos com orgulho a D. Ireneu Penna e a mim por ter, entre seus alunos, não só o presidente da FIFA, e alguns outros gênios, mas dois monges, sacerdotes beneditinos, formados em dois anos seguidos pelo colégio.

Mestre Renato Almeida, mereceria bem, hoje, nesta ocasião, um estudo ou uma referência séria à sua obra literária e de folclorista.

Para tanto não me considero capacitado. Limito-me, pois, a esta lembrança, a esse "momento" infantil, pessoal e lacunoso, louvando seu maior título de glória, que foi o da bem-aventurança de ter tido o suficiente espírito de infância para saber acolher as crianças como um valor incomparável, como um tesouro. De ter sabido acolhê-las como o próprio Cristo.

Eis a minha lembrança de Renato Almeida, meu Réquiem por ele.

Dom João Evangelista Enout
Jornal do Brasil — 11-2-81

RENATO ALMEIDA

Renato Almeida deixa o seu nome vinculado à boa literatura brasileira. Estreou nas letras em 1917, ano revolucionário, ponto de partida das renovações futuras do Brasil, na poesia, na prosa, nas artes, nas idéias sociais, e antes de publicar o livro promissor *Velocidade*, em 1932, era, já autor de *Fausto* (1922), *A formação Moderna no Brasil* (1923) e *História da Música Brasileira* (1926). De todos, porém, *Velocidade* fora o que lhe definiu o espírito de escritor filiado ao movimento modernista da Semana de Arte Moderna de 1922. A esta compareceu com Ronald de Carvalho, numa representação alta em valor, porém modesta em número, do Rio de Janeiro, cujos escritores não acreditavam nos êxitos daquela quixotada paulista. Ali estiveram os dois intelectuais jovens da Cidade Maravilhosa, que somente a muito custo se aventuraram a aparecer no palco do Teatro Municipal diante das violentas vaias com que eram todos recebidos.

A influência do modernismo em Renato Almeida bem se expressa no livro *Velocidade*, numa proclamação do mundo moderno anunciado nas batalhas de 1922. Mostrava que o mundo novo iria definir-se pela rapidez das comunicações, levando o homem a fazer o máximo no mínimo de tempo possível: "Um mundo de formas novas se constroi, em que os homens de pés velozes criarão prodígios e maravilhas."

Saindo do campo da teoria, realizou Renato Almeida a vida melhor, a de companheiro de Mário Andrade, na defesa do folclore brasileiro, da música popular, expres-

sões da nossa cultura de massa. Morreu, em 1945, o mestre Mário de Andrade? Sim, mas a luta continuou, na persistência do isolado Renato Almeida, até que a enfermidade o privasse de continuar na estacada.

Joaquim Inojosa
Jornal do Comércio

MESTRE RENATO ALMEIDA

Renato Almeida foi, efetivamente, um grande folclorista, tendo publicado informativos e excelentes livros, entre eles "Inteligência do Folclore", "Manual de coleta folclórica", "Vivência e projeção do Folclore" e outros mais que integram as minhas estantes.

Interessado na Música, folclórica ou não, a ela dedicou Mestre Renato Almeida obras que mereceram várias edições. Entre elas "História da Música Brasileira", edição volumosa de mais de 500 páginas, lançada pela Editora Briguiet, no Rio, da qual possuo a 2ª edição (1942), que guardo cuidadosamente, com a sua cordial dedicatória.

Também publicou, Mestre Renato, "Compêndio de história da Música Brasileira", "Música e Dança Folcóricas", "A América e o nacionalismo musical".

A partir de certo momento, por motivo de doença, foi Renato Almeida obrigado a deixar a Direção da "Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro", desta se afastando por vários anos. Esse afastamento, todavia, não impediu que, a todos os folcloristas brasileiros, perdurassem, até hoje e sempre, a lembrança do querido Mestre e a recordação do muito que ele fez em defesa do nosso folclore.

Guilherme Santos Neves
A Gazeta – Vitória (ES)

A OBRA DE RENATO ALMEIDA

RENATO ALMEIDA morre aos 85 anos. Esse baiano é da geração da Semana de Arte Moderna. Foi marcado pelo elán de Graça Aranha, Jackson de Figueiredo, Mário de Andrade e Ronald de Carvalho. Aos 21 anos, surgiu com os ensaios "Em Relevo" e, em 1922, projetou-se com "Fausto", ensaio sobre o problema do ser, uma magnífica obra filosófica e um quatriênio após um ensaio sobre a música brasileira que, afinal, explodiu na sua monumental "História da Música Brasileira" e evoluindo passou do saber culto para o saber popular que é o folclore.

Fundador da Academia Brasileira de Música e tendo por patrono Mário de Andrade e mestre Ronald de Carvalho, esse diplomata desencadeou o movimento nacional em torno do Folclore, sendo fundador e presidente da Comissão Brasileira do Folclore.

Folclorogo e não folclorista, ele aglutinou os dois setores através de boletins, revistas, livros, encontros, mostras, certames, semanas, seminários e congressos nacionais, dos quais não esquecemos o de 1951, que secretariamos sob o comando de Cecília Meirelles e ele como pajé. Renato semeou as comissões estaduais de folclore, a nossa sempre sob a égide de Dante de Laytano.

Se na liderança cultural temos tido no Brasil guias bulhentos, o baiano Renato Almeida se caraterou sempre por uma personalidade sóbria, a temperar o elán modernista de sua formação com a temperança diplomática no trato e embates da problemática de sua vocação, lides no Itamarati e de seu magistério carioca.

Autor da "Inteligência do Folclore" e de "Figuras e Planos" e de obra sobre a "Liga das Nações", no balanço que Edgar Cavalheiro fez na imprensa do Testamento de uma geração, Renato de Almeida fez seu agudo e vivo inventário subjetivo, de real valor objetivo.

Sobre os quatro pontos cardiais de seu itinerário não nos omitimos. Em 1942, aqui focalizamos sua "História da Música Brasileira". Uma década após analisamos o seu "Ensaio sobre o Problema do Ser" que é "Fausto". Fomos também despretencioso, mas fiel colaborador no movimento nacional em torno do Folclore através da gleba gaúcha.

Esse humanista cristão da velha Bahia soube ensaiar a seu tempo os problemas críticos do homem ante a máquina, o direito social, a velocidade, a música popular e a folclórica e o sentido do divino e foi também colaborador do "Dicionário do Folclore Brasileiro", do mestre Luiz da Câmara Cascudo.

Em suma, Renato de Almeida foi um discreto, silencioso, mas alentado e distinto animador do movimento cultural brasileiro, de início na perquirição filosófica e de elite e que posteriormente dedicou-se ao antitético saber popular, sob o crivo da pesquisa e ensaísmo crítico.

Aldo Obino
Correio do Povo
Porto Alegre — 13-2-81

RENATO ALMEIDA, MESTRE DO FOLCLORE BRASILEIRO

Com o falecimento de Renato Almeida (Bahia, 06-12-1895 — Rio, 25-01-1981) perde o Brasil um dos maiores estudiosos de seu folclore. Além da sua importante obra sobre teoria, metodologia de pesquisa, música, que se constitui numa reflexão ampla sobre a nossa cultura popular, era, sobretudo, um líder; deve-se a ele o grande movimento que, a partir de 1947, reuniu estudiosos de todo o País em torno da Comissão Nacional de Folclore e Comissões Estaduais. Sob suas diretrizes intensificaram-se os estudos e pesquisas de folclore no Brasil, complementados pela realização de Semanas e Congressos, oportunidade para debates e questionamentos sobre a problemática do folclore. Dessas reuniões saiu a Carta do Folclore Brasileiro, documento básico de orientação dos estudos folclóricos.

A visão de Renato Almeida sobre a necessidade de envolvimento dos órgãos oficiais na promoção da cultura popular, levou a criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro no Ministério da Educação e Cultura, com o objetivo de assegurar recursos para um trabalho amplo de âmbito nacional.

A antiga Campanha, transformada hoje em Instituto Nacional do Folclore, da Fundação Nacional de Arte, concretiza aquele objetivo.

Na vasta obra de Renato Almeida, de caráter filosófico, literário, diplomático e artístico, destacam-se alguns livros fundamentais para o estudo do folclore: *História da música brasileira* — apresenta uma sistematização de nossa música, considerada por Mário de Andrade, obra excelente, fundamental, equilibrada e lógica: *Inteligência do*

folclore — obra de doutrina em que, ao lado de um balanço e interpretação das diversas teorias folclóricas, expõe o seu pensamento e se constitui uma reflexão sobre o fenômeno folclórico; *Manual de coleta folclórica* — primeiro trabalho de orientação sobre coleta, abrangendo as diversas áreas da cultura popular, e destinado aos interessados em geral, sem formação especializada; *Tablado folclórico* — reunião de estudos sobre os vários aspectos do folclore, na sua dinâmica e morfologia; *Vivência e projeção do folclore* — painel sobre conceituação, análise e interpretação do fenômeno folclórico, com ênfase sobre as suas finalidades e diversos níveis de aproveitamento.

Renato Almeida deixa ainda numerosos artigos, ensaios, entrevistas em periódicos e revistas especializadas nacionais e estrangeiras. Pertencia a diversas instituições culturais do Brasil e do exterior, tendo participado de Congressos internacionais de Folclore.

Exerceu as funções de Chefe do Serviço de Imprensa e de Documentação do Itamarati, de Presidente da Comissão Nacional de Folclore e do IBECC, ao qual se integra a Comissão, e de Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1964-1974).

Homero Sena
Jornal de Letras
Fevereiro/Março — 1981

INTELIGÊNCIA DO FOLCLORE

"Quando andamos por uma estrada, podemos parar a contemplar o seixo perdido, ou a admirar a montanha formidável; nem o seixo fica menor, nem maior a montanha. Assim para os que passam humildemente, no tumulto insano da vida, pouco vale o hino de glória, ou o grito de desespero, em face do destino impassível; um e outro se perdem no ruído surdo e descompassado, só servem para desabafo de quem os sente". RENATO ALMEIDA — "Fausto, Ensaio sobre o Problema do ser". 2ª Edição. 1951.

Morreu Renato Almeida. Discípulo amado de Graça Aranha, amigo de Villa Lobos, companheiro de Cecília Meirelles e colega de João Neves da Fontoura. Chegou jovem da Bahia, de seu pequenino Santo Antônio de Jesus, e imediatamente partiu para a vida da imprensa que jamais a abandonou. Trabalhou em numerosos jornais, dirigiu a importante revista "Movimento Brasileiro" onde divulgava os inéditos dos grandes mestres da literatura nacional e durante anos e anos dirigiu o Serviço de Imprensa do Itamaraty, posto dos mais importantes na informação oficial e que tinha que ser dosada esta mesma informação com os mistérios e sutilezas da diplomacia. Carreira que também o atingiu, participando de grandes missões ao estrangeiro desde a Liga das Nações após a primeira Guerra Mundial. O que aliás lhe deu um livro dos mais significativos na biblioteca do Direito Internacional Público em nosso país.

Professor, destacou-se da mesma maneira. Ocupando posições honrosas de educador ilustre. Foi Diretor do Liceu Francês das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, idioma que dominava perfeitamente, a pátria amada de sua geração, e também da minha. A doce França naquilo que ela possui de herdeira do iluminado espírito Grego-Latino da antigüidade.

Escreveu uma série de livros. Mas três devem ser colocados em relevo. Um de filosofia, assunto incomum na nossa literatura: "Fausto, Problema do Ser", com mais de uma edição, na linha de Jackson de Figueiredo, e num estilo magnífico de aborda-

gem fabulosa. O segundo, clássico: "História da Música Brasileira", levantamento único e riquíssimo de toda a evolução da arte da música e sem esquecer o popular, anônimo, ao lado do erudito. São centenas de páginas escritas com elegância e fornecedoras de um quadro amplo, preciso e bonito do problema. O terceiro que é esta modelar "Inteligência do Folclore", livro que discute as normas antropológicas, históricas, étnicas e sociológicas do saber e da criação da gente simples. Manual de alta cultura na definição do todo do folclore.

Mas foi no folclore que então Renato Almeida viria realizar sua grande tarefa. Aglutinador, reunidor de valores, impondo uma nova técnica de pesquisa, partindo firme para a atividade de grupo, o exame de campo e a imensidão dos recursos fechados ciosamente do íntimo dos simples, que afinal são legítimos criadores de folclore. Dirigiu no Ministério do Exterior uma Comissão Nacional de Folclore, que se instalou pelo Brasil inteiro, realizou congressos, simpósios, semanas, távolas redondas, edições, cursos, prêmios, etc.

Não faltou um setor. A exploração completa dos recantos da experiência intelectual. Trinta anos de rendimento. E no Ministério da Educação e Cultura viria montar sua admirável Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, com os conselhos técnicos, revistas, bibliotecas, exposições, etc. Outra Direção que ampliou brilhantemente. Era um executivo ao lado de sua sólida formação de escritor. O mundo objetivo não o assustava. Pois, ele o dominou com a força que lhe advinha de seu subjetivismo literário.

Renato Almeida, além de todas as virtudes de homem vitorioso pelo seu talento, inteligência, habilidade e personalidade, possuía o segredo de um "savoir vivre" que o transformava num iniciado nas coisas amáveis da vida. Orador, professor, pesquisador, jornalista; escritor e gourmet, sabendo degustar as grandes marcas de bebidas, um especialista da mesa, homem de requintes imponentes e boas maneiras saudáveis. Ele soube ser um professor em tudo. Devo-lhe lições memoráveis.

O homem de letras cultivando a realidade do cotidiano com uma conduta de um lorde inglês. Uma figura, imagem que tempo algum apagará, porque a força de sua presença permanece intacta no meu coração e nos olhos.

Presidiu desta maneira nascida de uma eficiência pessoal a Unesco no Brasil, sua comissão brasileira no Rio de Janeiro, e que no Ministério das Relações Exteriores veio a ter o nome de IBECC, Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura. Eis o homem que foi conduzir minha geração. Com uma tão incrível quanto admirável força criativa. Minha geração deve-lhe as mais notáveis tomadas de posição. Mas, era, antes de tudo, um amigo.

Dante de Laytano
Correio do Povo de Porto Alegre
13 de março de 1981

RENATO ALMEIDA, O MAIOR DO FOLCLORE

Ministro Renato Almeida, o Renatinho, ou simplesmente o "Bicicletinha" — que era esse o seu apelido na redação de "A Noite" — faleceu, no Rio, no início de janeiro deste ano, aos 86 anos de idade. Foi esse baiano baixinho, cheio de corpo e de caminhar lépido, sempre alegre, sempre sorridente que agora, em silêncio, abandona o con-

vívio dos vivos, deixando atrás de si uma obra valiosa de pesquisa e trabalho árduo em cima de fatos e acontecências folclóricas.

Convivi com ele larga temporada, na redação de "A Noite", na praça Mauá. Depois, em Porto Alegre, volta e meia Renato Almeida aparecia, conduzido pelo braço amigo de Dante de Laytano, para presidir sessões da Comissão Gaúcha de Folclore, para dar entrevistas ao "Jornal do Dia", para lançar seus livros ou, simplesmente, para rever os amigos.

A seguir, novos encontros com Renatinho, desta vez diariamente, no Rio, ou melhor dizendo, no Palácio dos Arcos, sede do Itamarati, onde ele preparava com desvelo a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, que se realizou sob a sua presidência, de 22 a 31 de agosto de 1951, com os auspícios do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.

Na oportunidade, eu secretariava um dos cadernos de "Última Hora", cuja redação ficava na praça Onze, às proximidades do Itamarati. Renato Almeida foi até o jornal e me convocou, juntamente com Cecília Meireles, para dar uma ajuda no Congresso de Folclore. E lá fomos nós, por dias e dias seguidos, funcionar como relatores para as teses que chegavam de todos os recantos do País.

Foram dias de trabalho que cimentaram, ainda mais, nossa amizade. E de lá para cá, nunca mais nos perdemos de vista. Até que os jornais trouxeram a triste notícia de seu falecimento. Baiano de Salvador, onde nasceu em 1895, Renato Almeida foi o incentivador — a partir de 1947 — das Comissões de Folclore, a nacional e as estaduais. Dessas Comissões foi que nasceu a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, que, em data recente foi transformada em Instituto Nacional do Folclore.

Autor de numerosos artigos e ensaios em revistas nacionais e estrangeiras, Renato Almeida publicou livros importantes para a compreensão e o estudo de nossa cultura popular.

Em "História da Música Brasileira", Renato Almeida apresentou uma sistematização de nossa música, considerada por Mário de Andrade "equilibrada e lógica". Já em "Inteligência do Folclore", ele faz obra de doutrina. Nela, Renato Almeida procede um levantamento das diversas teorias sobre o folclore, para em seguida interpretá-las.

Enquanto isso, o "Manual de Coleta Folclórica" se destina a ajudar o trabalho de pessoas interessadas em cultura popular mas não especializadas. Outro livro precioso de Renato Almeida: "Tablado Folclórico", onde estuda a dinâmica do populário. Por fim, outra obra de grande valor: "Vivência e Projeção do Folclore", que se constitui um vasto painel sobre a análise do fenômeno folclórico, com ênfase nas suas finalidades e diversos níveis de aproveitamento.

Ao encerrar este registro sobre Renato Almeida não quero deixar de citar o artigo que, sobre ele, escreveu Dom João Evangelista Enout, no "Jornal do Brasil" de 11 de fevereiro último. Ao finalizar seu artigo, Dom Enout diz que "mestre Renato Almeida mereceria bem, hoje, nesta ocasião, um estudo ou uma referência séria à sua obra literária e de folclorista".

Pois este estudo e esta referência bem que podiam ser escritos pelo nosso querido (e sempre dinâmico) Dante De Laytano. Passo-lhe a incumbência.

Adão Carrazzoni
Porto Alegre

MANIFESTAÇÕES DE PESAR PELO FALECIMENTO DE RENATO ALMEIDA

No Conselho Estadual de Cultura de Salvador, Bahia, em sua sessão de 27 de janeiro do corrente ano, o Conselheiro José Calasans formulou voto de profundo pesar pelo falecimento de Renato Almeida que "durante muitos anos dirigiu a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e para cuja fundação desempenhou papel decisivo". O professor Calasans situou a sua importância como homem de cultura, que privava da amizade de Graça Aranha e teve participação na instauração do Movimento Modernista de 1922. Lembrou que Renato Almeida deixou publicadas três obras fundamentais sobre a nossa cultura: "Inteligência do Folclore", "História da Música Brasileira" e "Manual de Folclore".

•

O Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais reunido em sessão ordinária no dia 28 de janeiro do corrente ano e acolhendo sugestão do Conselheiro Aires da Mata Machado Filho, pela unanimidade de seus membros fez constar em ata um voto de profundo pesar pelo falecimento de Renato Almeida.

Na ocasião oradores exaltaram a vida e a obra de Renato Almeida, sua interessante e laboriosa carreira literária, com destaque para seus livros de ensaio "Fausto" e "Velocidade", sua vigorosa atuação à frente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e seus trabalhos em prol da valorização do folclore; enfim, uma vida plenamente dedicada à cultura nacional, com especial dedicação ao Estado de Minas Gerais.

•

A Congregação do Instituto de Artes do Planalto da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", em reunião de 18 de fevereiro do corrente ano, por proposta de seu Presidente, Alfredo João Rabaçal, inseriu na Ata de seus trabalhos um voto de pesar pelo falecimento de Renato Almeida.

•

O Conselheiro Raymundo Moniz de Aragão, em sessão do Conselheiro Federal de Cultura, noticiou o falecimento de Renato Almeida, escritor, musicologo e, sobretudo, folclorista. O Conselheiro Eurico Nogueira França solidarizando-se com as palavras do Conselheiro Moniz de Aragão, salientou que Renato Almeida começou a fazer gravações de folclore assim que se iniciou essa nova técnica de colheita.

•

O Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, atendendo a proposta do Conselheiro Antônio Carlos Villaça, aprovou, em sessão plenária de 2 de fevereiro do corrente ano, voto de pesar pelo falecimento de Renato Almeida.

Discorreram sobre a vida e a obra de Renato Almeida os Conselheiros Alcídio Mafra, Estevão Tavares Bettencourt e Álvaro Cotrim.

•

O Vereador Frederico Barbosa apresentou à Câmara Municipal de Porto Alegre o seguinte requerimento:

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre,
Dr. Cleom Guatemozin

O Vereador, que integra este Poder Legislativo Municipal, abaixo assinado, vem solicitar a Vossa Excelência que, através dos caminhos competentes, e por intermédio do presente requerimento, que em Porto Alegre denomine-se uma rua com o nome do ilustre RENATO ALMEIDA, falecido no Rio de Janeiro, vinculado a inúmeras iniciativas culturais no Rio Grande do Sul e figura de projeção no cenário intelectual do país:

CONSIDERANDO que Renato Almeida foi uma das expressões maiores da literatura brasileira, autor de três notáveis obras já clássicas, que são "FAUSTO, PROBLEMA DO SER", ensaio filosófico na linha espiritual de Jackson de Figueiredo; HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA, livro notável de perto de mil páginas e até hoje indispensável ao exame da problemática respectiva e INTELIGÊNCIA DO FOLCLORE, análise de profundidade do saber popular segundo os princípios históricos e sociológicos, étnicos e antropológicos;

CONSIDERANDO sua atividade brilhante no campo do jornalismo, como Diretor, Redator e Secretário de grandes diários cariocas, Diretor da famosa revista MOVIMENTO BRASILEIRO, que marcou época na revolução literária, de 1922, iniciando a publicação de Inéditos de Graça Aranha e Ronald de Carvalho e por longos anos chefe do serviço de imprensa do Ministério das Relações Exteriores;

CONSIDERANDO sua participação no mundo educacional, mestre de notável entendimento, pedagogo capaz e sábio diretor, por três décadas, do Liceu Francês do Rio de Janeiro;

CONSIDERANDO seu papel no restauro das investigações, coleta de material, trabalho de campo e de grupo na seara do folclore, exercendo a Presidência da Comissão Nacional de Folclore, sede no Ministério das Relações Exteriores, e Diretor-Presidente da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério da Educação e Cultura, promotor de inúmeros congressos nacionais, exposições e semanas brasileiras de folclore, bem como editor de publicações, prêmios e revistas de folclore, reativadoras da pesquisa folclórica.

CONSIDERANDO que Renato Almeida promoveu em Porto Alegre uma Semana Brasileira de Folclore, que foi aberta pelo Ildo Menegheti, encerrada por Érico Veríssimo e relatora Cecília Meireles e efetuou nesta capital um Congresso Nacional de Folclore com a presença de notáveis escritores de todo o país e um programa de folclore açoriano-brasileiro em Guaíba, Folclore ítalo-brasileiro em Caxias do Sul e folclore teuto-brasileiro em Novo Hamburgo, que foi um grande êxito científico e em Porto Alegre a sede das sessões de estudos e debates.

CONSIDERANDO ainda o interesse de RENATO ALMEIDA pelo Rio Grande do Sul, organizou em Porto Alegre, com aplausos, um Seminário de Folclore e Ensino, que teve a presença dos grandes educadores gaúchos e que todas as três manifestações no Rio Grande do Sul foram coordenadas pelo Prof. Dante de Laytano, que preside a UNESCO em nosso Estado.

CONSIDERANDO que exerceu com notável descortínio a presidência do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), Comissão Nacional da UNESCO, com sede no Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro e tratando-se, como se vê, na realidade, de uma grande figura da vida literária brasileira.

PROPÕE, e espera aprovação, que seja dado um nome de rua, em Porto Alegre, a Renato Almeida, RUA RENATO ALMEIDA, com a legenda: Escritor, Professor, jornalista e Folclórogo.
(1895 - 1981)

Porto Alegre, 20 de fevereiro de 1981.

Vereador Frederico Barbosa

Este requerimento foi aprovado pela Câmara Municipal de Porto Alegre.

OBRAS DE RENATO ALMEIDA
BIBLIOGRAFIA

LIVROS E FOLHETOS

ALMEIDA, Renato 1917. *Em relevo,* desenhos de Correia Dias. Rio de Janeiro, Apollo. 156p. il.

———. 1922. *Fausto*, ensaio sobre o problema do ser. Rio de Janeiro, Annuario do Brasil. 396p.

———. 1923. *A formação moderna do Brasil*, seguida de uma carta de Graça Aranha. Rio de Janeiro, Annuario do Brasil. 63p.

———. 1926. *História da música brasileira.* Rio de Janeiro, F. Briguiet. 238p. Bibliografia ao pé das páginas.

———. 1932. *Velocidade.* Rio de Janeiro, Schmidt. 133p.

———. 1936. *Figuras e planos.* Porto Alegre, Globo. 141p.

———. 1937. Carlos Gomes. Rio de Janeiro, Imp. Nacional. 37p. il. (os nossos grandes mortos).

———. 1938. *A Liga das Nações;* contribuição, estrutura e funcionamento; prefácil de Afranio de Mello Franco. Rio de Janeiro, A Noite. 342p. Bibliografia: p. 13-18.

———. 1942. O bumba-meu-boi de Camassari. *Separata da Revista Cultural Política*, Rio de Janeiro, 2(19): 193-97. set.

———. 1942. *História da música brasileira.* 2ª ed. cor. e aum. com 151 textos musicais. Rio de Janeiro, F. Briguiet. xxviii. 529p. il. mús. Bibliografia.

———. 1942. *A música brasileira no período colonial.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, /363/-422p.

———. 1948. *Compêndio de história da música brasileira.* Rio de Janeiro, F. Briguiet. 183p. il.

———. 1951. *Fausto*, ensaio sobre o problema do ser. 2ª ed. Rio de Janeiro.

———. 1952. *Camargo Guarnieri.* Rosário (República Argentina). 10p.

———. 1953-1954. Folclore e educação. *Folclore,* Vitória, 5(27-29): 17/9, nov./abr. Artigo publicado também na revista: *Revista de Etnografia*, Porto, Museu Distrital do Porto, n. 17.

———. 1955. *Euclides da Cunha no Itamaraty*. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, Secretaria de publicações. 18p.

———. 1957. *Inteligência do folclore.* Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 315p.

———. 1958. *Compêndio de história da música brasileira.* 2ª ed. Rio de Janeiro. F. Briguiet, 185p.

———. 1958. Folklore. In: *Exposition Universelle de Bruxelles.* Bruxelles. p. 43-45.

———. 1958. *Música folclórica e música popular.* Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Folclore do IBECC. 13p. (Comissão Gaúcha de Folclore, 22).

———. 1960. *O folclore na poesia e na simbólica do direito.* Florida, University of Miami Press. 12p. Bibliografia: p. 11-12. *Folklore Americas*, Florida, 20(1): 1-12, jun.

———. 1960-1961. Folklore, ciencia de interpretacion. Peru, Organo del Comite Inter-americano de Folklore. p. 71-74. Separata da Revista *Folklore Americano*, 8-10 (8/9).

———. 1961. *Tablado folclórico.* Capa de Oswaldo de Andrade Filho. São Paulo, Ricordi 176p. fot. mús.

OBRAS DE RENATO ALMEIDA
BIBLIOGRAFIA – (FOLCLORE)

ALMEIDA, Renato. 1929. A música americana (Conferência na Embaixada Americana). Ilustração Brasileira, 10(101) jan.

———. 1939. O maracatu de Chico-rei. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 1 jan.

———. 1942. O brinquedo da capoeira. *Rev. do Arq. Mun.*, São Paulo, 7(84): 155-62, jul./ago.

———. 1942. O bumba-meu-boi de Camassari. *Cultura Política*, Rio de Janeiro, 2(19): 193-197, set. il.

———. 1942. Cantadores populares do Brasil. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 11 jan.

———. 1942. O Carnaval. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 fev.

———. 1942. "Congados" de Goiânia, numa versão recolhida pelo escritor Renato Almeida. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 11 jul.

———. 1942. As manifestações folclóricas de Goiânia. *Revista da Semana*, Rio, 5 set.
———. 1943. Bailes pastorís. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 30 dez.
———. 1943. A Festa do Divino. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 17 jun.
———. 1943. Noite de São João. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 24 jun.
———. 1943. Pesquisas folclóricas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 11 nov.
———. 1944. Pesquisas Folclóricas. *Revista Brasileira de Música*. Rio, (10): 168-170.
———. 1944. O folclore como elemento nacionalizador dos colonos estrangeiros. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 3 jun.
———. 1944. A Nau Catarineta. *Diário da Bahia*, Salvador, 16 fev.
———. 1945. Antologias de folclore. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 10 jun.
———. 1947. O folclore nas escolas. *O Jornal do Comércio*, São Paulo, 28 dez.
———. 1948. O bumba-meu-boi e o "boeuf gras" francês. *IBECC Comissão Nac. de Folclore. Doc.*, Rio de Janeiro, (34): 1, jul.
———. 1948. A América e o Nacionalismo Musical. Cultura. 1(1): 5-43. set. dez.
———. 1948. Caminhos folclóricos brasileiros. *Letras e Artes*. Suplemento de *A Manhã*, 21 mar.
———. 1948. Classificação das cantigas populares brasileiras. *Letras e Artes*. Suplemento de *A Manhã*, 18 abr.
———. 1948. Coisas de folclore. *Leitura*, fev.
———. 1948. Conceito de Moda. *IBECC. Comiss. Nac. de Folc. Doc.*, (27): 1 jun.
———. 1948. Diretrizes da pesquisa folclórica. *Fôlha de Minas Literária*, Belo Horizonte, 25 jul.
———. 1948. Esboço de uma classificação de canções brasileiras. *IBECC. Comiss. Nac. de Folc. Doc.*, Rio de Janeiro, (11): 1 abril.
———. 1948. O folclore na literatura infantil. Palestra. *IBECC. Comiss. Nac. de Folc. Doc.*, Rio de Janeiro, (26): 1-3, jun.
———. 1948. Métodos e Classificação de Folclore. *O Jornal do Comércio*, São Paulo, 28 fev.
———. 1948. A regressão do tradicional. *Letras e Artes*. Suplemento de *A Manhã*, 14 nov.
———. 1948. A tradição popular no livro didático. *O Jornal*, Rio, 27 jul.
———. 1949. Bandas, charangas e furiosas. *Letras e Artes*. Suplemento de *A Manhã*, 5 jun.
———. 1949. O dia do folclore. *O Correio da Manhã*, 21 ago.
———. 1949. Discurso ao inaugurar a II Semana de Folclore em São Paulo. *IBECC. Comiss. Nac. de Folc. Doc.*, Rio de Janeiro, (132): 1-2, ago.
———. 1949. O folclore na sociedade baiana. Tese ao II Congresso Brasileiro de Folclore. *O Jornal do Comércio*, 22 mai.
———. 1949. Importância da obra Anônima do povo. *Diário de Notícias*, Salvador, 29 mar.
———. 1949. Importância do folclore. *O Diário*, Belo Horizonte, 23 out.
———. 1949. Música folclórica e música popular. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, nº 14.
———. 1949. Relatório da visita às subcomissões de folclore de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. *O Jornal do Comércio*, 4 nov.
———. 1949. A tradição em face da transição. *Letras e Artes*. Suplemento de *A Manhã*, 16 jan.
———. 1950. As comemorações do dia do folclore. *Diário Trabalhista*, 8 ago.
———. 1950. Os *congados*. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisas Folclóricas da Escola Nacional de Música da Univ. do Brasil.
———. 1950. Dicionário folclórico argentino. *Correio Folclórico do Correio Paulistano*, São Paulo, 16 abr.
———. 1950. Discurso de abertura da III Semana Nacional de Folclore. *O Dia*, Curitiba, 9 set.
———. 1950. Enigmas populares. *Letras e Artes*. Suplemento de *A Manhã*, 6 ago.
———. 1950. Estudos folclóricos. *Diário Carioca*, 24 set.
———. 1950. Folclore. *Diário Carioca*. 13/20 ago.
———. 1950. O folclore brasileiro. *Syrinx* (mensário musical), Bahia, abr.
———. 1950. Folclore, disciplina de amor. *Letras e Artes*. Suplemento de *A Manhã*, 20 ago.
———. 1950. O folclore em Alagoas. *Letras e Artes*. Suplemento de *A Manhã*, 5 fev.
———. 1950. Os folguedos populares no Brasil. *Folclore*, Vitória, 1(5): 1/2, mar./abr.
———. 1950. O negro na música brasileira; nota de estudo. *Boletim trimestral da Comissão Catarinense de Folclore*, Florianópolis, 2(5): 4-5, set.
———. 1950. Notação da música folclórica e os folguedos populares. *Diário Carioca*, 4/11 jun.
———. 1950. As pastorinhas de S. João, da Tijuca. *IBECC. Comiss. Nac. de Folc. Doc.*, Rio de Janeiro, (167): 1-3, fev.
Artigo publicado também no jornal:
Correio Folclórico do Correio Paulistano, São Paulo, 6-30 abr.

———. 1950. I Congresso Brasileiro de Folclore. *Correio Folclórico do Correio Paulistano,* 3 out.
———. 1950. Relatório ao Presidente do IBEEC sobre a visita ao Norte. *Jornal do Comércio,* 22 nov.
———. 1950. Relatório da Comissão Nacional de Folclore. *Correio Folclórico do Correio Paulistano,* São Paulo, 30 jul.
———. 1950. Ressonâncias francesas no folclore brasileiro. *Service Français d'Information,* nº 16. Artigo publicado também nos jornais:
O Dia, Curitiba, 28 abr.
Fôlha da Manhã, Recife, 13 maio.
———. 1950. A salvaguarda das tradições populares. *Correio Folclórico do Correio Paulistano,* São Paulo, 26 fev.
———. 1950. Teatro folclórico. *O Correio da Manhã*, Rio, 2 fev.
———. 1951. A atividade folclórica como função social. *O Jornal,* 26 ago.
———. 1951. O Carnaval e o folclore. *A União*, 4 fev.
———. 1951. Carta do Folclore Brasileiro. *Intercâmbio,* São Paulo, jul./set.
———. 1951. Centenário de Manuel Querino. *Diário de Notícias,* 22 jul.
———. 1951. Discurso de encerramento do I Congresso Brasileiro de Folclore. *O Jornal do Comércio,* 1 set.
———. 1951. Discurso de encerramento da IV Semana Nacional do Folclore, Maceió, 30-10, ago. 1952.
O Jornal do Comércio, 16 jan.
———. 1951. Discurso de inauguração da IV Semana Nacional do Folclore, Maceió, 3-10 ago. 1952. *Jornal do Comércio,* 4 jan.
———. 1951. Los estudios folclóricos en el Brasil. *El Comércio*, Lima, 5 jan.
———. 1951. Folclore e economia. *Correio Paulistano*, São Paulo, 10 jun.
———. 1951. Folclore, fonte de produção econômica. *A Manhã*, 23 jan.
———. 1951. O folclore na literatura infantil. *Correio Folclórico do Correio Paulistano,* 15 abr.
———. 1951. O folclorista Sylvio Romero. *A Tarde*, Bahia, 21 abr.
———. 1951. Música brasileira. *Letras e Artes,* 10 jun.
———. 1951. A IV Semana Folclórica de Maceió. *Diário de Notícias,* 3 fev.
———. 1951. Realidade e perspectivas do folclore brasileiro. *Correio Folclórico do Correio Paulistano,* 15 maio.
———. 1951. Sylvio Romero e os folcloristas brasileiros. *Correio Folclórico do Correio Paulistano,* 22 abr.
———. 1952. A. B. C. do folclore. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 nov.
———. 1952. Congresso de Folclore (Curitiba). *Diário Carioca,* 23 ago.
———. 1952. Congresso Internacional de São Paulo. *A Gazeta,* São Paulo, 18 ago.
———. 1952. A definição do canto popular. *A Noite*, 22 ago.
———. 1952. Essências do folclore brasileiro. *O Jornal do Comércio,* 3-4 de nov.
———. 1952. Folclore. *Fôlha de Minas,* Belo Horizonte, 14 jun.
———. 1952. Folclore e educação. A *Noite*, 12 ago.
———. 1952. O folclore no Brasil e em Portugal. Discurso pronunciado no Círculo Folclórico — Luso-Brasileiro de Liceu Literário Portugues. *Voz de Portugal,* 15 nov..
———. 1952. O índio e o Nordeste. *Revista da Semana*, 11 jul.
———. 1952. O meu apêlo. *A Gazeta,* São Paulo, 22-23 mar.
———. 1952. V Assembléia do International Folk Music Council Londres, 1952 — Discurso e relatório do Delegado Brasileiro. Senhor Renato Almeida. *O Jornal do Comércio,* 13 jul.
———. 1952. Roteiros do folclore brasileiro. *Jornal do Comércio,* 15 jun.
———. 1952. Roteiros do folclore no Brasil. *Folclore*, São Paulo, 1(3): 48-59.
———. 1952. Un pequeño cuadro de la Musica en el Brasil. *El Caribe*, 30 ago.
———. 1952. A unidade de expressão da cultura popular luso-brasileira. *Lisboa Courier,* (77-78), ago./set.
———. 1953. Congresso de folclore; demonstrações da cultura popular em São Paulo. *O Jornal,* 23 ago.
———. 1953. De um jongo em Taubaté. *Boletim trimestral da Comissão Catarinense de Folclore,* Florianópolis, 4 (15/16): 5-18, jun./set.
———. 1953. O dia do folclore. *Diário de São Paulo,* São Paulo, 27 ago.
———. 1953. Discurso na sessão inaugural do II Congresso Brasileiro de Folclore, 22-8 — 1953, Curitiba. *Folclore,* Vitória, 4(26) set./out.

———. 1953. O folclore e a imprensa, discurso por ocasião do I Congresso Brasileiro de Folclore. *O Estado do Paraná,* Curitiba, 28 ago.
———. 1953. Folclore, espelho da alma do povo. *Singra*, 11 set.
———. 1953. Homenagem do II Congresso Brasileiro de Folclore ao Compositor paranaense Brasílio Itiberê. *O Estado do Paraná,* Curitiba, 26 ago.
———. 1953. Palavras de abertura da página folclórica. *Vanguarda,* 18 set.
———. 1953. Os professores e o folclore. *Fôlha de Minas*, Belo Horizonte, 26 abr.
———. 1953. Saudação, como delegado da ABI, ao II Congresso Brasileiro de Folclore. *O Jornal do Comércio*, 27 ago.
———. 1953-1954. Folclore e educação de base. *Folclore,* Vitória, 5(27-29), nov./abr.
———. 1954. Dicionário do folclore brasileiro, Luís da Câmara Cascudo. *O Jornal*, 17 out.
———. 1954. O folclore em São Paulo. *Folclore*, Vitória, 5(30-31), maio/ago.
———. 1954. Folguedos populares: os caboclinhos de Taperaguazes. *O Jornal*, 18 maio.
———. 1954. O Lorogum num candomblé baiano. *O Jornal*, 25 abr.
———. 1954. Música folclórica e música. Conferência realizada na série "Concertos Culturais", do Ministério da Educação e Cultura, organizado pelo Conservatório Nacional de Canto orfeônico e pela Academia Brasileira de Música. *Diário de Notícias,* 28 nov.
———. 1954. Um folclorista comenta o mais recente dicionário do folclore brasileiro. *Fôlha da Manhã*, São Paulo, 17 out.
———. 1955. O ano folclórico de 1954. *Diário de Notícias*, 1 jan.
———. 1955. O ano Folclórico de 1955. *Folclore,* Vitória, 7 (37-39), jul./dez.
———. 1955. A folcmúsica brasileira. *Revista C. B. M.*, 1(1), out./dez.
———. 1956. Folclore em 1955. *O Jornal*, 8 jan.
———. 1956. Importância dos estudos Americanos de folclore. *Revista do Livro,* Rio. 1(3-4): 133-138, dez.
———. 1956. Museu de Arte Popular. *Diário de Notícias*, Salvador, 23 set.
———. 1956. Repercussão do folclore brasileiro no exterior. *A Noite,* 7 jan.
———. 1956. Ritos totêmicos. *O Jornal,* 29 jul.
———. 1956. Sobrevivências totêmicas nas danças dramáticas brasileiras. *IBECC Comissão Nacional de Folclore Doc.*, Rio de Janeiro, (347): 1-5, ago.
———. 1956. Sobrevivências totêmicas nas danças dramáticas brasileiras. *Folklore Americano*, Lima, 4(4): 28-34, dez.
———. 1957. Arnold Van Gennep. *O Jornal*, 16 jun.
———. 1957. Discurso, na inauguração do III Congresso Brasileiro de Folclore. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro, (374): 1-3, jul.
Artigo publicado também no jornal:
Estado da Bahia, Salvador, 8 jul.
———. 1957. Musicologia. *Diário de Notícias,* 28 abr.
———. 1957-1958. O boi Linda Frô. *Folclore*, Vitória, 8(51-54): 9-12, nov./dez./jan./jun.
———. 1958. Discurso na inauguração da Exposição do Livro Brasileiro de Folclore. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro, (392): 1-3, jan.
———. 1958. Panorama folk. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro, (407): 1-3, ago.
———. 1959. Discurso . . . no "Dia do Folclore" de 1959. *IBECC Comiss. Nac. de Folclore Doc.*, Rio de Janeiro (432): 1-3, set.
———. 1959. Discurso (Sessão de instalação do IV Congresso Brasileiro de Folclore). *Folclore*, Vitória, 10(61/63): 7-8, jul/dez.
———. 1959. O filho do urso — um conto do folclore andino. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro, (427): 1-3, maio.
———. 1959. O samba carioca. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro, (437): 1-4, dez.
———. 1960. A caracterização do fato folclórico. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro, (458): 1-3, dez.
———. 1960. Folclore, ciência de interpretação. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro (457): 1-3, dez.
Artigo publicado também na revista:
Folclore, Vitória, 11(64/69): 11-12, jan./dez.
———. 1961. Conferência pronunciada no encerramento do Curso de Folclore, realizado em out./nov. de 1961, na Fac. de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo. *Folclore*, Vitória, 12 (70/74): 7-18, jan./dez.
———. 1961. Me dá licença de dançar no seu terreiro. *Leitura*, Rio de Janeiro, 19 (47): 32-33, maio.

———. 1961. Discurso . . . na inauguração do Museu de Artes e Técnicas populares de São Paulo. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro (470): 1-3, set.
———. 1962. João Ribeiro, mestre de folclore. *Rev. Bras. de Folclore.* Rio de Janeiro, 2(2): 5-16, jan./abr.
———. 1962. O amor à coleta folclórica. *Jornal de Letras.* Rio de Janeiro, 14 (160): 9, dez.
———. 1963. O dia do folclore. *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore,* Florianópolis, 14 (27/28):97-9, jan. 1962/jan.
———. 1963. Discurso inaugural . . . V Congresso Brasileiro de Folclore. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro (497): 1-8. jul.
———. 1963. O elemento tempo no tradicional folclórico. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro (496): 1-2, jun.
———. 1963. A influência da música negra no Brasil. *IBECC Comiss. Nac. de Folcl. Doc.*, Rio de Janeiro (500): 1-5, set.
———. 1963. O verdadeiro Vitalino. *IBECC Comiss. Nac. de Folc. Doc.*, Rio de Janeiro (491): 1-3, fev.
———. 1964. Cecília Meireles, uma companheira. *Folclore*, Vitória, 15(79/80): 7, jan./dez.
———. 1964. Mestre Joaquim Ribeiro. Folclore, Vitória, 15(79/80): 3, jan./dez.
———. 1964. A dimensão do Folclore. *Comentário.* Rio de Janeiro, 5(4): 341-345, out./dez.
———. 1965. A dimensão do folclore. *Folklore Americano*, Lima (13(13): 121-26.
———. 1965. Mensagem aos jovens folcloristas do Brasil. *Folclore,* Vitória, 16(81): 12, jan./dez.
———. 1967. Comissão Nacional de Folclore 20 anos. *Folclore,* Vitória, 18(83): 3-4, jan./dez.
———. 1968. O folclore negro no Brasil. *Rev. Bras. de Folclore,* Rio de Janeiro, 8(21): 105-18, maio/ago.
———. 1969. O ensino do folclore. *Boletim da Comissão Fluminense de Folclore*, Niterói, 1(1): 3-5, jul.
———. 1965. *A constância européia no folclore dos países americanos.* Lisboa, junta de Investigações do Ultramar, 1965. 11p. Separata das *Actas do Congresso Internacional de Etnografia.* Lisboa, Junta de Investigações de Ultramar. v.4.
———. 1964. *O IBECC e os estudos de folclore no Brasil.* Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Folclore. 36p.
———. 1965. *Manual de coleta folclórica.* Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. 221p. il. (Coleção Folclore Brasileiro, 1).
———. 1966. Curso de folclore, de 22 a 29 de agosto de 1966. Vitória, *Comissão Espíritosantense de Folclore.* 54p.
———. 1966. *Negro folklore in Brazil.* In: BRASIL: Ministério das Relações Exteriores. The African contribution to Brazil; First Festival of Negro Arts — Dakar. Brasília, p. 53-68.
———. 1967. Folclore e educação. Separata da *Revista de Etnografia* nº 17. Porto. 8p.
———. 1967. *Le folklore nègre au Brèsil.* In: La contribution de l'Afrique a la civilisation bresilienne, s.d. p.31-47.
———. 1969. *Danses africaines en Amérique Latine.* Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. 35p. Bibliografia: p. 35.
———. 1969. *Variações em tôrno da música folclórica brasileira.* Rio de Janeiro. Separata de *Vozes.* Rio de Janeiro, 63(10): 911-918, out.
———. 1971. *Música e dança folclóricas.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. 8p. (Cadernos de Folclore, 1ª série, 4).
———. 1971. *Vivência e projeção do folclore.* Rio de Janeiro, Agir. 161p.
———. 1972. *Tradição populares no programa de educação e cívica.* Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. 8p. (Cadernos de Folclore 1ª série, 12).
———. 1973. *Curso de folclore*. Viçosa, Univ. Federal. 84p.
———. 1973-1976. A recreação popular, suas formas e expressões. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Cultura. *História da cultura brasileira.* Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar. v.1. p. 201-13. Bibliografia.
———. 1974. *Inteligência do folclore.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Americana; Brasília, INL. 368p. Bibliografia: p. 301-302.
———. 1976. *Folclore.* Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. 21p. (Cadernos de Folclore, Nova Série, 3). Bibliografia: p. 15-17.
———. 1978. *Candomblé em cordel.* Salvador, Prefeitura da cidade de Salvador. (35) est. em pastas.
———. 1970. Artes plásticas folclóricas. *Rev. Bras. de Folclore*, Rio de Janeiro, 9(27): 99-105, maio/ago.

———. 1970-1973. Folclore e Turismo. *Rev. Bras. de Folclore*, Rio de Janeiro, 12(36): 57-60, maio/ago., 10(28): 199-203, set./dez.
———. 1972. Oswaldo de Andrade Filho, pintor e folclorista. *Rev. Bras. de Folclore,* Rio de Janeiro, 12(33): 97-100, maio/ago.
———. 1973. Cavalhadas dramáticas. *Folclórica* /Goiânia/ 2(3): 37-52, abr./jun.
———. 1973. O problema do tradicional no folclore. *Cultura*. Brasília, 3(9): 87-89, jan./mar.
———. 1973. Folclore baiano. *Rev. Bras. de Folclore*, Rio de Janeiro, 12(35): 5-13, jan./abr.
———. 1974. A escola de samba no folclore. *Rev. Bras. de Folclore,* Rio de Janeiro, 13(38): 19-25, jan./abr.